



Familia Gonzaga

Family Tree

Familia Gonzaga desde 1860 a 2025



Família Gonzaga

Família Gonzaga desde 1860 a 2025

Dedicação

À nossa vizinha Brasilina,

símbolo da força, da fé e da união que sustentam o coração Gonzaga.

Este livro nasce do desejo de registrar mais que datas e nomes: ele guarda histórias, sorrisos, encontros e despedidas que nos moldaram ao longo dos trilhos do tempo. Cada foto, cada lembrança e cada palavra aqui reunida é um gesto de amor, um abraço estendido às gerações passadas, presentes e futuras.

Foram dias intensos de organização, conversas, áudios, risadas e até lágrimas, mas também de descobertas e reencontros. Mais do que pressa, houve propósito: ressignificar nossa história e deixar um legado vivo. Descobrimos que família não é apenas sangue – é convivência, partilha, escuta, compreensão, acolhimento e a beleza de cada um ser do seu jeito, e estar tudo bem assim.

Somos como uma estação em movimento: alguns permanecem, outros partem, mas todos deixam marcas. Aprendemos que cada encontro é sagrado, cada abraço é eterno e cada lembrança é um presente.

Dedicamos este álbum a todos os Gonzagas que caminharam antes de nós e àqueles que seguem a trilha adiante. Que cada página seja um convite a manter acesa a chama da alegria, a fé herdada e a coragem que sempre nos guiaram.

E, sobretudo, dedicamos à nossa querida vizinha, Brasilina, que hoje recebe não apenas um presente, mas a prova viva de que sua história floresce em cada ramo dessa grande árvore chamada Família Gonzaga.

Com amor, gratidão e esperança,

– Seus netos, filhos e bisnetos

Esta árvore genealógica é mais do que nomes e datas.

Ela guarda memórias, conecta gerações e celebra a história de nossa família.

Cada ramo, cada folha, cada pessoa representada aqui é parte de quem somos hoje.

Que este registro seja um abraço no passado, um guia para o presente e um legado para o futuro.

E, acima de tudo, que nos faça reconhecer que, no palco da nossa história, a vizinha é o verdadeiro show.

*Principais motivos da existência desta árvore:
unir gerações e eternizar nossa história*

Guardar memórias

Preservar a história da família e dos antepassados, para que filhos, netos e bisnetos conheçam de onde vieram.

Orgulho das raízes

Fortalecer a identidade e o sentimento de pertencimento a uma história maior.

Nossos mais velhos

Valorizar aqueles que abriram caminhos, eles são o elo entre passado e presente.

Zelo pelas gerações

Unir diferentes gerações, permitindo que compartilhem lembranças e reconheçam laços em comum.

Aprendizado emocionante

Ensinar com amor e emocionar os mais jovens, mostrando o valor da família e suas histórias.

Grande legado

Deixar para as próximas gerações um presente eterno: a memória preservada.

Alegria em celebrar

Comemorar conquistas, valores e tradições que atravessam o tempo e fortalecem nossa família.

Familia Gonzaga

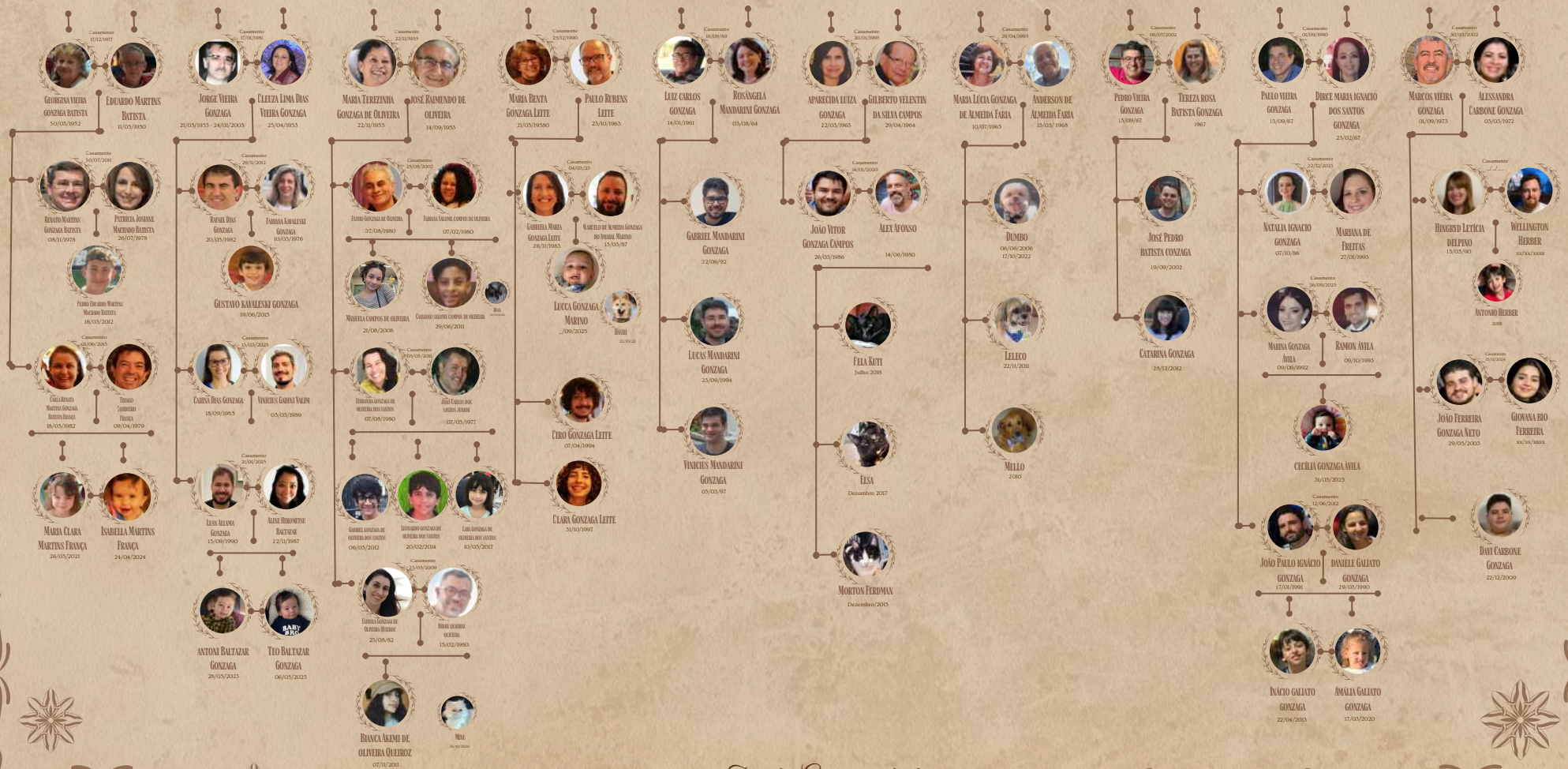


BRASILINA MARIA VIEIRA GONZAGA
20/09/1933



JOÃO FERREIRA GONZAGA
05/12/1925 - 17/12/1997

Casamento
05/05/1951



Família Gonzaga

A história de nossas raízes



Onde tem Gonzaga, tem caféquentinho, gente reunida, música, dança e história pra contar.

A pergunta que ecoa em nossas reuniões de família é sempre a mesma:

“De onde vem os Gonzagas?”

E, como em toda boa história, as respostas se multiplicam conforme o narrador.

Alguns asseguram que nossas raízes estão em Mântua, na Itália, terra de duques, palácios e artistas do Renascimento.

Outros afirmam que a linhagem se consolidou em Minas Gerais, entre o ouro das minas, o café das lavouras e as festas de interior cheias de música.

há ainda os que preferem simplificar, lembrando que, mais do que a origem, o que nos define é a festa que fazemos quando estamos juntos.

A verdade é que o sobrenome Gonzaga é feito de muitas histórias.

Histórias que se entrelaçam como capítulos de uma longa novela, cada geração acrescentando um novo enredo, sempre marcado por música, dança, risadas e fé.

Os Gonzaga da Itália

No século XIV, em Mântua, floresceu a poderosa Casa de Gonzaga. Durante quase quatrocentos anos, governaram a região como capitães-generais e, a partir de 1530, como duques soberanos. Foram mecenas das artes, da ciência e da arquitetura, deixando marcas profundas na história cultural da Itália.

O brasão da família, adotado em 1433, tornou-se símbolo de sua herança heráldica e de seu prestígio.

Enquanto outras famílias se ocupavam apenas de guerras, os Gonzaga buscaram embelezar o mundo — e talvez seja daí que herdamos essa inclinação para a música, a alegria e a vida celebrada em cada detalhe.



Família Gonzaga

A história de nossas raízes

A Chegada ao Brasil e Expansão pelo País

A presença da família Gonzaga no Brasil remonta ao final do século XVIII. Um dos primeiros registros é o do Capitão Luiz José Gonzaga de Azevedo Portugal e Castro, fiscal da fundição do ouro em Sabará, Minas Gerais. Casado com Anna Joaquina Rodrigues da Silva, natural do Rio de Janeiro, teve oito filhos e estabeleceu uma linhagem mineira que se expandiu pelo país.

Em 1963, o nome Gonzaga ganhou ainda mais força com a fundação do município de Gonzaga, em Minas Gerais, cidade que até hoje mantém vivas tradições como o Festival Fescaip e a Cavalgada Boi no Rolete.

Ao longo do século XIX, outro nome se destacou: Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, conhecido como "O Pacificador do Norte". Atuou na pacificação de conflitos e na valorização da cultura, levando o legado dos Gonzaga a regiões como Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Tocantins.



Luiz Gonzaga (1912-1989)
O eterno Rei do Baião



Chiquinha Gonzaga (1847-1935)
Pianista e Maestrina



Município Gonzaga em
Minas Gerais

Quando Gonzaga virou música

No Brasil, o sobrenome ganhou ainda mais brilho através da cultura.

- Chiquinha Gonzaga (1847-1935), pianista e maestrina, foi pioneira na música popular brasileira e abriu caminhos para as mulheres na arte.
- Luiz Gonzaga (1912-1989), o eterno Rei do Baião, popularizou o forró, o xaxado e o baião, fazendo o Brasil inteiro dançar.

E dentro da própria família, a música segue pulsando. João Ferreira Gonzaga, apaixonado por dança, carrega no corpo e na alma esse ritmo que parece nascer no sangue. Onde há Gonzaga, há festa, música e passos marcando o compasso da alegria.

Família Gonzaga

Raízes e Origens – A história de nossas raízes

A vida de nossa família começou a ser escrita no compasso da terra, entre plantações e colheitas, no interior de São Paulo.

A bisavó Clementina Maria Vieira e o bisavô José Carlos Pontes, vindos de Novo Horizonte, carregaram consigo a coragem e a simplicidade de quem dependia da roça para sobreviver. De fazenda em fazenda — primeiro em Macauba, depois em outras regiões — iam sempre em busca de novas oportunidades. Ora arrendavam a terra, ora dividiam a produção. E, entre os pés de café, também semearam milho e arroz, aproveitando cada pedaço fértil.

Foi nesse caminho de desafios que, em 20 de setembro de 1933, nasceu a nossa querida vó Brasilina. Ainda menina, aprendeu cedo a lidar com as responsabilidades da casa e com a vida simples do campo.



Clementina Maria Vieira Pontes
(Mãe de Brasilina Vieira Gonzaga)

José Carlos Pontes
(Pai de Brasilina Vieira Gonzaga)



Maria Osória de Jesus
(Mãe de João Ferreira Gonzaga)

Lázaro José Francisco
(Padrasto de João Ferreira Gonzaga)

Do outro lado da história estavam a bisavó Maria Osória de Jesus e o bisavô Lázaro José Francisco, que assumiu como filho o pequeno João Ferreira Gonzaga, após a ausência do pai biológico. Essa família também teve uma passagem marcante por Santa Rita do Passa Quatro, até que, mais tarde, seus passos também os levaram ao interior paulista.

Foi assim que Brasilina e João uniram suas vidas em matrimônio, provavelmente em Novo Horizonte. Casaram-se no mesmo dia do tio Dito, irmão da vó Lina, por sugestão do bisavô José Pontes, que dizia: “Aproveita e já casa no mesmo dia, assim economiza e faz uma festa grande.” A vó Brasilina sabia do arranjo e preparou-se em segredo, recordando sempre, mais tarde, que estava “mais bonita do que na foto que ficou registrada.”

Depois do casamento, toda a família dos avós foi se espalhando pela região: alguns se estabeleceram nas fazendas próximas a Jales, outros fixaram raízes em Auriflâma. E assim, entre idas e vindas, ergueram sua história no interior, sempre ligados à terra e à esperança de dias melhores.

Da união dos bisavós Clementina e José Pontes nasceram onze filhos:

Benta, Benedito, Antônio, Sebastião, Angelino, Paulino, Aurentina, Lauretina, Joventina, Arvelino e, entre eles, a nossa vó Brasilina.

Já do lado do vó João, os irmãos eram: Cida, Maria das Dores e Luiz, além dele próprio, João Gonzaga. E da união de João e Brasilina nasceram os dez filhos: Georgina, Jorge, Terezinha, Benta, Luiz, Cidinha, Lúcia, Pedro, Paulo e Marcos.

Esses nomes não são apenas registros de uma árvore genealógica: cada um carrega consigo uma história de desafios, sorrisos, afetos e conquistas.

Ao olhar para trás, percebemos que não herdamos apenas sobrenomes, mas um legado de fé, coragem e harmonia.

Essa é a maior herança que permanece viva em nós: uma história de amor, resistência e resiliência, contada de geração em geração.

Família Gonzaga

A história de nossas raízes

Do Caminho de Minas ao Interior de São Paulo – A trajetória dos pais de nossos avós



Casamento
05/05/1951

Brasilina Maria Vieira Gonzaga
20/09/1933

João Ferreira Gonzaga
25/12/1925 - 17/12/1997

Dizem que toda família nasce de um encontro — e, às vezes, esse encontro é preparado muito antes de nós. No nosso caso, a história começa com Sebastião Gardino Vieira, homem de hábitos firmes e visão rara. Dono de terras, desconfiava dos bancos e guardava o dinheiro em uma caixa escondida sob o assoalho do quarto. Entre tábuas que rangiam segredos, repousava o fruto de anos de trabalho, prudência e coragem.

Para a neta Brasilina, o avô não era só um nome respeitado: era colo, afeto, cheiro de terra molhada. Conheceu de perto a mão calejada que a amparava e o olhar atento de quem contava histórias como quem planta. Entre ambos, havia cuidado — lição silenciosa de dignidade e sustento.

Do outro lado da raiz, ergue-se a força de Osório da Felicidade, a matriarca. Mulher de decisão, deixou Minas Gerais e, com fé e teimosia boa, trouxe a família até o interior de São Paulo. Não sabemos o caminho, mas sabemos que demorou — porque o que vale a pena não chega depressa. Trouxe todos, inclusive a filha já casada, Maria Osória de Jesus, e o genro Luiz Ferreira Gonzaga. Organizada e firme, Maria Osório da Felicidade contava as sacas, distribuía tarefas e mantinha todos em marcha.

É nesse cenário que surge Clementina Maria Vieira, filha de José Gardino. Criada entre a sobriedade do avô e o zelo da casa, tornou-se mãe de Maria Osória de Jesus e de João Gonzaga. Casou-se com José Carlos Pontes, homem simples e trabalhador, que acreditava que prosperidade se constrói primeiro no caráter. No início, viveram de pouco, somando esforços até conquistarem casa e dignidade.

Foi José Carlos quem abriu caminho até as terras de Maria Osório da Felicidade já estabelecida no interior paulista. A visita virou ponte: nasceu ali a amizade entre duas frentes da nossa história — a família de João Gonzaga e a de Brasilina. Dois lares, dois modos, um só impulso: seguir adiante.

E o encontro fez o que encontros verdadeiros fazem: uniu forças, repartiu fardos e multiplicou esperanças.

Se Sebastião representa a prudência que guarda, Osório da Felicidade simboliza a coragem que conduz. De um lado, o dinheiro escondido sob o piso, lembrando que segurança é cuidado. Do outro, a bolsa de viagem no quintal, lembrando que futuro é caminho. No meio, Clementina, que escolhe o amor; e José Carlos, que transforma esforço em chão firme.

Assim começaram os Gonzagas: da soma entre resguardo e ousadia, entre memória e estrada. Dessa mistura de terra, trabalho e ternura, os filhos ergueram seus lares e nos deixaram a herança maior:

A certeza de que, quando a família caminha unida, até o impossível se torna apenas questão de tempo.

Brasilina

Brasilina Gonzaga — o coração da família

Brasilina, nossa querida Vó Lina, é a personificação da força, da generosidade e do amor. Uma mulher simples, mas de sabedoria imensa, que mesmo sem ter estudado aprendeu a dar conta de tudo com destreza e inteligência. Sempre rápida para resolver problemas, prática no agir e incansável no cuidar, ela é lembrada como quem nunca deixava faltar comida, carinho e presença.

Sua vida foi marcada pela dedicação à família: cuidou de muitos filhos, netos e até das crianças da vizinhança, sempre com aquele instinto materno protetor. O que fazia, fazia com amor — fosse cozinhar, negociar, cuidar da casa ou oferecer colo. E na cozinha, era incomparável: da famosa galinhada ao arroz doce preparado num instante, passando pelos bolinhos de chuva, frangos com caldo e pão de queijo, tudo tinha o tempero do afeto.

Vó Lina também tinha um jeito firme e decidido, mas sem perder a ternura. Era o tipo de mulher que parecia deixar João, o marido, decidir as coisas, quando na verdade já tinha tudo organizado do seu jeito sutil. Gostava da mesa farta, da casa cheia, de risadas, de histórias e de festas. Nunca olhou para si mesma, sempre para os outros.

Com um sorriso único e olhos que brilham até hoje, conquistava a todos com humor, energia e aquele cuidado atencioso que não se esquecia de nenhum detalhe. Para cada filho, neto e bisneto, sabia o prato favorito, inventava apelidos e fazia questão de demonstrar seu carinho do jeitinho dela.

Mesmo depois das dores e perdas que a vida lhe trouxe, seguiu firme, forte e de cabeça erguida, mostrando resiliência e fé. Até hoje, com mais de 90 anos, continua sendo o elo que une gerações, a raiz que sustenta, o abrigo onde todos sabem que serão bem-vindos. Brasilina não é apenas uma mãe, uma avó, a biza: é memória viva, é aconchego, é exemplo. É a alma que aquece nossa família com amor, fartura, humor e fé. Um verdadeiro tesouro que nos inspira e enche nossa história de orgulho e gratidão.



Quem é *Brasilina Gonzaga*

Brasilina, na visão de Terezinha

“Brasilina é uma mulher forte, caridosa e extremamente trabalhadora. Gosta de ver a família reunida e valoriza a fartura à mesa — assim como João Gonzaga. Tem seu jeito firme e decidido, é controladora quando precisa, mas sempre age com muito amor.

Não conhece preguiça: é prendada em tudo o que faz, colocando dedicação e carinho em cada detalhe. Na cozinha, é incomparável. Sua comida é famosa na família, marcada por um conhecimento profundo da culinária. A galinhada dela é única, deliciosa, de dar água na boca.

Está sempre atenta e preocupada com o bem-estar dos filhos, acompanhando tudo o que acontece com a família e os familiares. Carinhosa com os irmãos, querida por todos, tem no coração um desejo constante de ajudar. Ama passear, fazer visitas e, acima de tudo, estar rodeada de gente querida em momentos de festa.

Brasilina é, de verdade, o coração que mantém a família unida e aquecida pelo amor.”



Brasilina Gonzaga, na visão de Benta

“Na minha visão, Brasilina sempre foi muito mãezona — até de forma exagerada. Antes mesmo de alguém pedir, ela já fazia. Era uma mãe muito prática e operacional: se alguém comentasse que tinha vontade de comer arroz doce, em meia hora já estava pronto na mesa. Ela preparava o prato e entregava. Sempre teve muita disposição, era uma mulher de servir e atender.

Quem de fato mandava em casa era ela, mas colocava as coisas de um jeito que parecia ser o João, meu pai, quem decidia. Nunca foi de bater; quando precisava, dizia apenas que iria falar com ele. Tinha um poder sutil, camuflado, sem se expor demais.

Brasilina sempre foi extremamente amorosa: cuidava, dava comida, dava remédio. Mas olhava para o todo, não para cada filho individualmente. Não media muito as palavras, às vezes falava de maneira dura. Sempre teve uma preferência pelos filhos homens — era o jeito dela de lidar com a vida.

Gostava de fartura, de mesa cheia, e parecia não se cansar nunca. Não olhava para si mesma, não descansava, estava sempre disposta e dando conta de tudo. Até hoje, busca reunir a família, gosta de conversar, embora mais sobre coisas leves e superficiais, nunca sobre assuntos muito profundos.”

NA VISÃO DOS FILHOS E FILHAS

Brasilina, na visão Da Lúcia

“Brasilina sempre foi uma mulher muito especial. Dentro das condições que teve, sem oportunidades de estudo, mostrou ser esperta, perceptiva e rápida para compreender as coisas. Quando “alguém vinha com o fubá, ela já tinha a polenta pronta”. Sempre atenta, sabia resolver problemas e enxergar o que estava acontecendo nas entrelinhas.

Na época em que tinha tantos filhos pequenos, conseguia preparar comidas deliciosas. Criava muitos frangos, cuidava dos ovos até chocarem, e assim sempre havia carne de frango na mesa — muitas vezes até sobrava para vender, garantindo roupinhas novas para os filhos. Era super organizada, e de algum jeito sempre manteve todos alimentados e bem vestidos. O frango com caldo, acompanhado de arroz fresquinho, hoje é uma memória afetiva que me traz aconchego sempre que provo. Ela também tinha habilidade para negociar: trocava produtos da fazenda por aquilo que precisava em casa.

Mesmo sem ter frequentado a escola — não sabia nem escrever o próprio nome —, demonstrava uma sabedoria imensa para driblar as dificuldades e cuidar de todos os filhos. Lembro ainda de sua generosidade: quando alguma mulher da região tinha filho, a vó Lina dizia para mandarem as crianças para ela cuidar, enquanto lavava a roupa da mãe que acabara de dar à luz. Era um gesto de comunidade, um espírito de ajuda mútua que marcava a época.

A vó Lina sempre carregou um instinto materno protetor muito forte, especialmente com os filhos homens, e seu coração caridoso sempre foi parte essencial da sua essência. Uma mulher de força, amor e generosidade que deixou — e continua deixando — marcas profundas em todos nós.”

Quem foi *Brasilina Gonzaga*

NA VISÃO DOS FILHOS E FILHAS

Brasilina, na visão do Georgina,
"Minha mãe, Dona Brasília, mais conhecida como Lina, é mãe de dez filhos e sempre foi um exemplo de força, dedicação e amor. Trabalhadora, cuidava da casa com alegria, cozinhava com capricho e recebia todos — filhos e visitas — sempre muito bem. Hoje, com 92 anos, ela continua surpreendendo com sua lucidez, lembrando-se de detalhes do passado com clareza. Exigente com a organização e sempre amorosa com todos, ela segue sendo nosso exemplo de vida. Amo minha mãe de todo coração e peço a Deus que a conserve conosco por muitos e muitos anos."

Na visão da Cidinha,
a Brasilina é uma mulher honesta e cheia de energia, que valoriza a família, aprecia momentos de descanso, ama o teatro e o filho com intensidade e dedicação."

Brasilina, na visão do Paulo

"A minha mãe sempre foi muito protetora e amorosa. Quando íamos trabalhar, ela queria saber de tudo, cuidava de cada detalhe. Nos dias de sol quente, colocava um saco debaixo do pé de café para a gente descansar. Podíamos chegar a qualquer hora e dizer: "Mãe, estou com fome", e ela logo acendia o fogão a lenha e preparava algo para comer. Nunca deixava faltar alimento, sempre cuidando de todos. As irmãs costumam brincar dizendo que a vó gostava mais dos meninos do que das meninas, mas isso tinha um fundo de verdade: nós convivíamos mais com ela. E, de fato, ela nos protegia, muitas vezes não deixando o pai nos castigar. Ela nunca deixava nada para depois: tudo tinha que estar pronto, a mesa posta e todos bem alimentados. Depois que passou a usar a cadeira de rodas, vivemos um tempo especial juntos, cheio de paz e companheirismo. Curtimos muito esses momentos. Hoje, às vezes, ela se irrita por não conseguir fazer as coisas sozinha e depender dos outros. Mas isso vem do seu jeito forte e independente, que sempre marcou sua vida."

Do ponto de vista do Luiz:

"Minha mãe Brasilina sempre foi uma referência de bondade. Desde pequeno, observei suas atitudes com as pessoas: ela nunca fez distinção entre ninguém. Podia ser alguém humilde ou não, ela tratava a todos com o mesmo respeito e carinho.

Mesmo sendo semi-analfabeta e nunca tendo frequentado a escola — apenas sabendo escrever o próprio nome — sempre teve uma educação séria e firme com os filhos. Foi dedicada em tudo: cuidava da casa, fazia comida com amor, era carinhosa, companheira e sempre gostou de conversar.

Tenho nela um exemplo de paciência e generosidade, pois nunca a vi maltratar ninguém. Pelo contrário, sempre soube contornar situações e encontrar um jeito de ajudar. Procuro manter com ela um relacionamento positivo, marcado por respeito e gratidão.

Recordo com carinho os domingos à tarde, os passeios em família e as histórias que ela conta desde a minha infância, que até hoje nos aproximam. Minha mãe é, e sempre será, motivo de boas lembranças em minha vida."



Quem é *Brasilina Gonzaga*

NA VISÃO DOS NETOS E NETAS

Na visão de Clara, Neta, Filho do Benta

"A vó Lina é uma mulher forte. Fonte de vida, resistência e esperança. É aconchegante sentir sua presença, ela tem personalidade forte e não recebe ordens de ninguém. Quer ver todo mundo bem e adora quando estamos juntos. Ela é superprotetora e todas suas filhas (sem exceção) puxaram isso dela! Te amo vó!"

Na visão da Fernanda, neta, filha da Terezinha,

"A vó Lina é um verdadeiro tesouro. Sempre foi uma vó carinhosa, e esse carinho se expressa, principalmente, através da comida — em servir, preparar e se preocupar com cada detalhe. Desde que eu era pequena, ela tinha o dom de saber exatamente qual era o prato favorito de cada um e fazia questão de preparar só para ver o sorriso no nosso rosto.

Hoje, com seus incríveis 92 anos, continua a mesma: atenta, cuidadosa e preocupada em garantir que todos estejam bem servidos, do jeitinho que só ela sabe fazer. É incrível como, mesmo com tanta vida já vivida, ela segue firme, sempre com aquele olhar vigilante e cheio de amor.

Ela nunca esquece de perguntar pelos bisnetos (meus filhos) — e, claro, já inventou apelidos carinhosos para cada um deles (risos). Esse é o jeitinho especial da vó Lina: mistura cuidado com humor inteligente, sempre pronta para tirar um sarro de forma leve e divertida.

Amo o sorriso dela. É um sorriso que carrega história, força, alegria e amor. Mesmo nas condições atuais, ela não perde a vontade de festa e de ter a casa cheia. A vó Lina é, sem dúvida, a alma viva de muitas das nossas melhores memórias."

Na visão do Rafael, neto, filho do Jorge

A vó Lina :

"Pessoa que sempre uniu todos os filhos e netos em casa, ao redor da mesa. Sempre tinha muita fartura, comida, histórias boas e carinho. Sempre muito preocupada com os netos, perguntando se a mãe tá boa ou se a escola está boa. Pessoa de muita fé e de bom coração. Na sua casa sempre tinha lugar pra todo mundo, e sempre muito humilde."



Na visão do João Vitor, neto, filho da Cidinha

"A vó Lina é uma senhora muito responsável comigo. Ela sempre estava me dando o suporte que ela podia. Ela sempre me quis por perto. Muito afetuosa, as vezes severa. Muito bem humorada, contadora de histórias, tem uma ótima memória."

Na visão da Fabiola, neta, filha da Terezinha,

"A Vó Lina é uma mulher forte, pragmática e de humor único. Em todos os momentos da minha infância em que me lembro dela ela estava servindo a todos ao seu redor. Quando iam para Jales nas férias, eu e todos os outros netos pedia: "Vó faz bolinho de chuva, pão de queijo, batata frita..." e ela fazia tudo ao mesmo tempo, não sei como ela conseguia kkk...

Sempre acelerada, enérgica e pronta para ser útil, é assim que sempre vou ver minha Vó Lina.

Seu humor é outra característica bem marcante da vózinha, sempre com uma piada ou observação para fazer de alguma situação ou alguém, nos trouxe muitos momentos engraçados em família.

A maior virtude da Vó Lina com certeza é a fortaleza. Já tendo visto partir seu marido e seu filho mais velho, ela permanece firme e forte na luta pela sua vida. Te amo Vó Lina!

Sou grata por todo cuidado e carinho que a senhora tem por mim até hoje!"

Quem é *Brasilina Gonzaga*

Na visão da Luan, neto. filha do Jorge ,
A primeira vez que conheci a vó foi quando ela
veio visitar meu pai no sul. Lembro que, naquela
época, ela sentia muito frio antes de dormir — o
curioso é que nem era inverno! Para se garantir,
vestiu dois pijamas e ainda colocou uma touca
para cobrir a cabeça, além das cobertas. Foi
também a primeira vez que dormimos juntos.
A vó sempre foi uma pessoa simples, que valoriza
de verdade a família. Para ela, reunir todos é
motivo de celebração: a casa cheia de filhos,
netos e parentes sempre a fazia sorrir. Festeira e
alegre, gostava de brindar com uma cervejinha,
aproveitando cada momento.
Hoje, acredito que a vó é alguém que vive
intensamente o presente e dá valor a tudo o que
construiu. Talvez não guarde todas as lembranças
que recontamos, mas é feliz pelo que conquistou
— especialmente pela família que formou e que
tanto a ama.

Na visão da Carla, neta, filho da Georgina,
“A Vó Lina sempre foi uma mulher muito
forte, mãe de dez filhos, ela sempre tinha sua
casa preparada para receber todo mundo. Os
almoços de domingo sempre eram deliciosos.
Sempre que a gente acordava, ela já estava
com o almoço quase pronto. Vai ficar para
sempre nas minhas lembranças o macarrão
dela e o frango com molho...maravilhosos. Ela
capita tudo com muita facilidade, sabe tudo
que está acontecendo ao seu redor. É sempre
muito gostoso sentar com ela para escutar
suas histórias.”



NA VISÃO DOS NETOS E NETAS

Na visão da Carina, neta. filha do Jorge
“A vó Brasilina, sempre com aquele
sorrisão e os olhos lindos que brilham,
adorando ver a casa cheia com filhos,
netos e bisnetos ao redor. Mulher atenta,
cuidando de cada detalhe e preocupada se
todos estavam bem alimentados.”

Na visão da Renato,neto, filha da Georgina,
“Dona Lina, além de minha avó materna, é também
minha madrinha. Mulher guerreira, matriarca da
família Gonzaga, sempre acolhedora em sua casa,
recebendo todos com muito carinho, amor e
dedicação. Fazia questão de agradar, de acolher bem
e de oferecer sempre o que tinha de melhor. Sua casa
era sinônimo de aconchego, e nossa família, que é
grande, sempre se sentiu em casa ao seu lado.

Dona Lina sempre foi assim: atenciosa, carinhosa e
acolhedora com todos. Comigo, em especial, tenho
lembranças muito fortes. Quando eu ia estudar em
Juels durante a semana, ela sempre deixava tudo
preparado e certinho para mim. E nas festas, era ela
quem recebia a todos com imenso amor.

A ela, minha eterna gratidão, carinho e amor. Te
amo, vó e madrinha. Você sempre estará no meu
coração.”

Quem é *Brasilina Gonzaga*

NA VISÃO DOS BISNETOS E BISNETAS

Lara, filha da Fernanda , Filha da Terezinha.
"A Biza é fofinha e brinca com a gente de jogos. Eu sempre ajudo ela a ganhar (rs). Ela gosta de dar comida pra gente, e a casa dela tem muitos gatinhos."



Cassiano, filho do Flavio, filho da Terezinha,
"Ela é calma, fala pouco, observa tudo em silêncio. Gosta de ver a gente comendo bem, pergunta como a gente esta sempre."

Bianca, filha da Fabiola , Filha da Terezinha.
"A biza gosta de dar comida para os netos. Ela sempre manda fazer as coisas e gosta de ouvir historias"



Leonardo, filha da Fernanda , Filha da Terezinha.
"A Biza é bem quietinha. Gosta de dar comida pra gente e fica sempre tranquila. A casa da Biza é muito legal! Quando eu era pequeno, brincava de mangueira lá porque sempre estava muito quente. Ela é muito idosa e entende tudo o que a gente fala."



Gustavo, filho do Rafael, filho do Jorge,
"Uma pessoa muito importante para a família, acolhedora, de bom coração e que sempre nos recebe com carinho."



Manuela,filho Flavio, Filha da Terezinha.
"A Biza é atenta ao que acontece ao seu redor. Ela gosta de ter a casa cheia, de ver todos conversando e se sente feliz com essa alegria ao redor."

Pedro, filho de Renato, filho da Georgina
"A Biza é uma pessoa muito querida, parece muito com a Vó Ge, sempre preocupada com tudo em sua volta, principalmente se comemos, se estamos bem, com saúde e querendo dar comida o tempo todo para nós. Uma pessoa muito gentil, muito acolhedora. Que gosta da casa cheia."

Gabriel,filha da Fernanda , Filha da Terezinha.
"A Biza Lina é calma, fofinha, gostava de comer e gosta de vinho, sempre fazendo um brinde (rs). Ela sempre perguntava como eu estava. Era muito legal tomar banho de bacia na casa dela. Lá também tem muitos gatinhos, e ela sempre perguntava se a gente estava com fome."

João Gonzaga

João Gonzaga — a fé simples que se transformou em legado.

João Gonzaga foi um homem de coração imenso, marcado pela simplicidade, pela fé e por uma bondade que atravessou gerações. Homem do campo, viveu boa parte da vida no sítio, em meio à natureza, cultivando a terra, cuidando da família e ensinando valores que permanecem vivos até hoje.

De personalidade séria e humilde, era também festeiro por essência: qualquer motivo virava celebração, sempre com a casa cheia, oração antes da refeição e um “Viva!” animado ao final. Amava ver a família reunida e fazia questão de receber a todos com abraço carinhoso e sorriso sincero.

Sua fé era profunda, devota e prática. Lia a Bíblia diariamente, tinha devoção especial por Nossa Senhora Aparecida e ensinava, pelo exemplo, que a oração é refúgio e força. Rezava, fazia promessas, abria a porta de casa para o Santo Reis, e muitos vizinhos acreditavam que ele tinha o dom da cura, recorrendo a ele em busca de bênçãos. Com um ramo de folhas, uma vela acesa e água, transformava a simplicidade em esperança.

Como pai, foi rígido em alguns momentos, tentando ensinar disciplina no meio da lida com 10 filhos. Mas por trás dessa rigidez, havia sempre cuidado, proteção e amor. Com o tempo, essa dureza deu lugar a um afeto mais leve: tornou-se amigo, contador de histórias, companheiro de pescarias e de risadas — às vezes altas, às vezes contidas, sempre cheias de graça.

Na chácara, seu lugar preferido, cultivava pés de café, alfaces fresquinhos e memórias eternas. Tinha prazer em dividir o que colhia, em cuidar e em garantir fartura à mesa. Estar com ele era sentir paz, era aprender sem palavras que a vida pode ser vivida com mansidão.

O Vô João deixou como maior herança a fé e o amor. Seu jeito simples e sua devoção ensinaram que não é preciso muito para ser grande: basta ter coração aberto, bondade no olhar e alegria em partilhar a vida.

Hoje, ele permanece vivo em cada oração que a família faz, em cada festa que reúne os nossos, em cada lembrança de sua risada discreta e de sua presença serena.

João Gonzaga foi, e sempre será, exemplo de fé, humildade e amor incondicional.



Quem foi

João Gonzaga

Na visão de Benta

“João Gonzaga é uma pessoa extremamente simples. Passou a maior parte da vida no campo, em sítio, o que lhe trouxe uma simplicidade muito marcante, às vezes até um pouco ingênua. Como sempre conviveu com pessoas muito religiosas, falava bastante de Deus e, por conta disso, acabou não lutando tanto para se afirmar como pessoa, seja profissionalmente ou como pai. Criar e cuidar de 10 filhos não era nada fácil.

Ele e minha mãe não tinham o hábito de olhar para cada filho de forma individual, com necessidades diferentes. A educação era rígida: castigos ou até apanhar quando faziam algo errado. Uma história curiosa é que, quando os filhos brigavam, ele colocava todos para dançar, não importava a música que estivesse tocando no rádio. Na época eu não entendia, mas hoje vejo que era uma forma de ensinar a não guardar raiva um do outro.

Ele educou da maneira que podia e acreditava ser a correta. Sempre foi um homem honesto, justo e incapaz de qualquer atitude de agressividade ou violência. Bondoso por natureza. Como era muito católico, diante de alguma situação difícil, fazia uma promessa pedindo a cura de alguém e depois lembrava a pessoa de que a promessa deveria ser cumprida. Era tudo muito simples, e ninguém via problema nisso.

Levara a vida de forma leve, sem ambições. Como muitos homens de sua época, não tinha o hábito de dialogar ou falar sobre sentimentos. Isso simplesmente não era permitido. Hoje sabemos que é importante conversar e se abrir, mas naquela época a educação era mais repressiva — e essa era a realidade das famílias antigas.”



NA VISÃO DOS FILHOS E FILHAS

Na visão da Terezinha

“Um homem de fé profunda e paciência admirável. Iluminado, sempre conciliador, era aquele que aconselhava e trazia serenidade aos que o cercavam. Viveu pela família, desejando constantemente a felicidade de todos. Estava sempre a abençoar os filhos, com palavras e gestos de cuidado. Amava uma celebração — para ele, qualquer motivo era razão para festejar, reunir pessoas queridas e espalhar alegria.”

Na visão do Luiz,

“Meu pai, João Ferreira Gonzaga sempre foi uma referência desde a minha infância. Era um homem sério, que às vezes nos punia de maneiras que, quando crianças, nem entendíamos — mas hoje vejo que era a forma dele nos educar, já que éramos muito arteiros.

Quando saí de casa, ele se tornou um grande parceiro. Sempre deu muito valor aos estudos e fazia questão que todos os filhos estudassem. Lembro que, quando fui estudar em Lavras, questionei o motivo de ir para lá, e ele me respondeu com firmeza e apoio, mostrando que acreditava no futuro através da educação.

Meu pai era calmo, pacífico e nunca perdia a paciência. Não gostava de confrontos e repetia sempre: “A santa paz de Deus tem que estar com você.” Outra marca forte de sua vida foi a fé. Devoto de Nossa Senhora Aparecida, era romeiro, e fez questão de nos levar até Aparecida do Norte, ensinando-nos a importância da devoção e da religiosidade.

Vivemos muitos bons momentos juntos. Ele tinha o sonho de ter um pedaço de terra para plantar, algo que ele amava.

Trabalhador incansável, sempre exerceu sua vida com honestidade e deixou como legado o valor do estudo, da formação e da dignidade.

Para mim, meu pai é um espelho e um exemplo que levarei para sempre.”

Quem foi

João Gonzaga

Na visão do Paulo Gonzaga

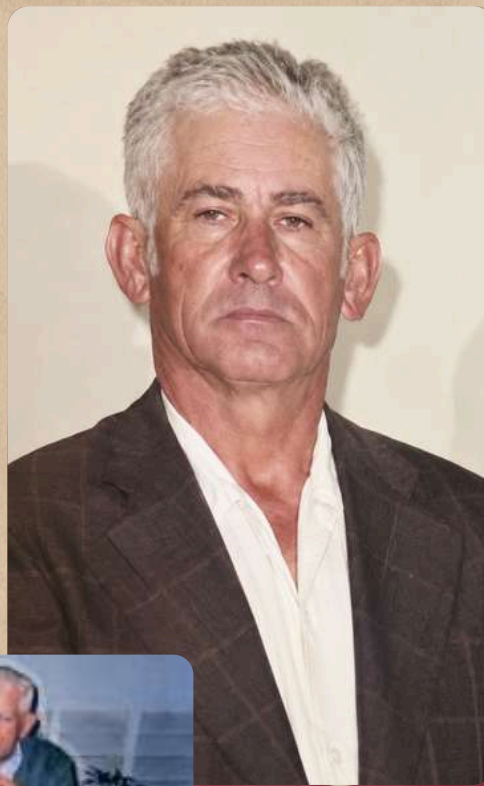
"O vô João foi alguém muito presente na minha vida. Eu e o Pedro convivemos mais com ele, já que os outros estavam estudando. Ele sempre foi rígido, porque queria que a gente fizesse tudo do jeito certo. Mas, com o passar dos anos, essa rigidez deu lugar a um jeito mais leve e carinhoso. Na chácara, se tornou um grande amigo, contava piadas, ria com a gente, sempre muito amoroso.

Era um homem de muita fé. Todos os dias lia a Bíblia e tinha uma devoção imensa por Nossa Senhora, ensinando isso aos filhos pelo exemplo.

Lembro com carinho das pescarias quando eu tinha 12 anos. Eu e o Pedro íamos com ele, e, como era muito protetor, amarrava a gente com uma corda para não cair na água, já que nenhum de nós sabia nadar. O vô João foi, acima de tudo, um paizão, um verdadeiro pai em todos os sentidos."

Na visão da Cidinha

"O João Gonzaga foi um homem de bom coração, honesto e acolhedor. Embora pudesse ser bravo quando os filhos aprontavam, sabia dar atenção, contar histórias e conversar com calma. Leitor assíduo da Bíblia, sempre mantinha a serenidade e transmitia segurança à família, sendo um exemplo de paciência e amor."



NA VISÃO DOS FILHOS E FILHAS

Na visão da Lucia,

"Meu pai, João Gonzaga, foi o grande pacificador dentro de uma família numerosa — e esse não era um papel fácil de exercer. Sempre dizia: "Quando você vê um irmão caído, você vai lá e ajuda a levantar". Essa frase traduzia sua essência: união, cuidado e um pedido silencioso para que os filhos estivessem sempre bem uns com os outros.

Na minha infância, ele era uma figura de autoridade, impondo respeito. Vindo de uma família pequena, sem o pai biológico e tendo que lidar com um padrasto imaturo, assumiu cedo o papel de cuidador dos próprios pais. Não seguiu a carreira militar porque escolheu cuidar da mãe, revelando desde cedo sua responsabilidade e coração dedicado.

Ele não gostava de conflitos; ao contrário, buscava em todo momento ser apaziguador — não apenas dentro de casa, mas também no trabalho e em todos os lugares por onde passava. Quando eu era criança, podia parecer bravo, mas era apenas sua forma de educar. Por trás da firmeza, havia sempre um coração generoso e sensível.

Meu pai encontrava na Palavra de Deus a forma de viver e a paz que sustentava sua vida. Costumava dizer: "Coloco a cabeça no travesseiro e entrego para Deus". Era nessa confiança que encontrava forças para seguir em frente e, dentro das condições que tinha, deu conta de cuidar de todos os filhos.

Homem de fé inabalável, acreditava que não havia hora nem lugar para rezar. Generoso e acolhedor, como minha mãe Brasileira, nunca guardava rancor. Era amoroso, dedicado à família, preocupado em saber se os filhos estavam bem, e sempre transmitia paz com sua presença.

Homem de histórias, amava narrar a Bíblia do seu jeito, deixando em cada palavra uma semente de fé, união e esperança. Seu legado foi mostrar, com a própria vida, que tudo se torna mais leve quando é conduzido pela fé, pela generosidade e pelo cuidado com o próximo."

Quem foi

João Gonzaga

NA VISÃO DOS NETOS E NETAS

Na visão do Rafael neto, filho do Jorge,
"Pessoa séria, humilde e muito trabalhadora. Mesmo após a aposentadoria não queria deixar de trabalhar na chácara, cuidando da roça e dos pés de café. Além disso, uma pessoa de muita fé, do jeito dele, não ia à missa da igreja a 2 km da casa dele, mas viajava 700km pra ir à Aparecida do Norte com os filhos e comprava as melhores roupas pros filhos e filhas. Os vizinhos acreditavam que ele tinha o dom de cura, e vinham bater na porta para benzer os filhos doentes e com problemas de saúde. Ele pegava o ramo de folha, pegava uma água, e acendia uma vela benzina as pessoas. Contava muitas histórias e dava uma gargalhada alta sempre quando a história era engraçada e divertida."

Na visão da Clara, neta, filha da Benta
"Quem foi o vô João:
Vô João faleceu alguns dias após meu aniversário de 1 ano. Mas já senti muito sua proteção e presença como anjo da família e busquei saber sobre ele. Ele foi um homem bom, curandeiro, rezador e trabalhador. Sou grata pelo vô João!"



Na visão da Fabiola, neta, filha da Terezinha
"Vô João Gonzaga

Lembro do meu querido vô João com muito carinho e gratidão. Considero que seu maior legado foi nos deixar uma fé obediente em Nossa Senhora Aparecida. Sempre nos ensinou que no que precisarmos é só recorrer a essa mãe amorosa e bondosa, que ela recorre junto a seu filho Jesus para interceder com compaixão e misericórdia por todos nós. Com seu sorriso fofo e abraço carinhoso, sempre nos recebia em sua chácara com todo amor e felicidade em nos ver. Festeiro por natureza, adorava reunir toda a família e sempre antes das refeições fazia orações e finalizava sempre com um lindo VIVA para todos no final.

O Vô João Gonzaga nos ensinou que fé, amor e mansidão são as virtudes necessárias para se chegar ao Céu.
Obrigada querido Vô João!
De sua neta Fabiola"

Na visão da Renato, neto, filha da Georgina),
"João, minha saudade de você é imensa. Lembro-me sempre das visitas à sua casa ou à chácara, lugar onde mais gostava de estar. Quase sempre estava trabalhando, raramente parava suas atividades, sempre cuidando de algo, sempre concentrado, fumando seu paieirinho.

Você deixava tudo em ordem: a casa, o quiosque, a lavoura. O campo de futebol era cuidado com todo zelo, mesmo sem jogar, porque o que queria, de verdade, era ver todos ao seu redor felizes.

Foi você quem me ensinou a rezar, transmitindo sua fé inabalável à família. Ensinava a importância da oração, dava conselhos, mostrava o caminho de Deus, da união e da vida em família — valores que sempre viveu com tanta verdade.

A você, minha eterna gratidão e todo o meu amor. Te amo, vô João. Meu grande e inesquecível vô."

Na visão da Carla, neta, filha da Georgina,

"Vô João sempre foi nossa grande referência, ensinando fé e amor a todos e a tudo ao seu redor. Ele cuidava de tudo com muito carinho em sua chácara. Lembro dele nos benzendo com um galinho de plantas e reunindo a família para ensinar valores importantes. Lembro dele nos dando doces em seu bar e lembro do quanto gostava de receber as companhias de Santos Reis."

Na visão da Carina, neta, filha do Jorge,
"O vô João sempre gostava de estar na chácara, lugar que lhe fazia um bem imenso. Homem de fé, mantinha suas rezas com devoção e, todos os anos, abria as portas de sua casa para receber o Santo Reis, transformando o momento em uma grande festa de alegria e tradição."

Na visão da João Vitor, neto, filho da Cidinha,
"O vô João era um senhor muito respeitado por todos que conheciam ele. Ele tinha um tipo de acesso ao mundo espiritual que as outras pessoas não tinham. Os vizinhos iam até ele em busca de cura para os seus filhos. Ele sempre estava de roupa social, mesmo enquanto trabalhava com a terra. Ele cheirava rapé feito de tabaco que ele mesmo fazia e armazenava em um vidrinho de maginopirol que guardava no bolso da camisa."

Na visão da Fernanda, neta, filha da Terezinha,
"O vô João foi um homem carinhoso e bondoso, daqueles que a gente guarda no coração para sempre. Lembro dele contando histórias e rindo — não era uma risada alta, mas sim aquele riso contido, de canto, que deixava a gente com vontade de rir junto. Ele amava uma boa festa, a casa cheia de gente, e sempre foi muito religioso, com uma fé simples e verdadeira. Minhas lembranças com ele estão sempre ligadas à natureza. A maior de todas é vê-lo dançando com a minha mãe nas festas de Santo Reis, lá na fazenda — um momento de alegria pura que ficou gravado na memória. Também recordo de como ele gostava de se sentar perto da gente para contar histórias e soltar aquele sorrisinho discreto, cheio de graça e afeto. Mas tem uma cena que é só dele: o vô, forte, na fazenda, sempre com uma bacia de alface na mão, porque sabia que eu e meus irmãos adorávamos. Ele espremia um limãozinho, colocava sal, sentava debaixo de uma árvore e, mascando o fumo no canto da boca, perguntava como a gente estava. Simples, mas cheio de amor — esse era o jeitão dele."

Família Gonzaga

Árvore feita em 2017...





Família Gonzaga

A história de nossas raízes

De Jales para o mundo

Depois do casamento, os Gonzaga se espalharam. Uns permaneceram próximos de Jales, outros foram para diferentes cantos do Brasil: e até para o mundo....

- Jorge foi para o Rio Grande do Sul.
- Ge seguiu para General Salgado e depois São Carlos.
- Benta foi para São Paulo e depois Sorocaba.
- Terezinha construiu sua vida em São José do Rio Preto.
- Luiz, Cidinha e Marcos permaneceram em Jales.
- Lúcia fixou-se em Campinas e Paulínia.
- Pedro seguiu para Votuporanga.
- Paulo se estabeleceu em Fernandópolis.
- E os netos atravessaram fronteiras: Luan e sua família, por exemplo, levaram o sobrenome até o Canadá. (Maple Ridge, Canadá) e João Neto com a esposa para o Paraguai.

De Jales para o mundo, a família Gonzaga se multiplicou como sorrisos numa roda de amigos, levando sempre consigo café quentinho, música, dança e boas histórias.

Mais que um sobrenome

O nome **Gonzaga** é o fio invisível que une gerações, que atravessa estados, planta raízes em novas terras e ressurge em cada encontro de família.

Mais do que brasões ou títulos, herdamos algo precioso: a coragem diante das dificuldades, a fé que sustenta os dias, o gosto pela música, a paixão pela dança e a alegria de estarmos juntos.

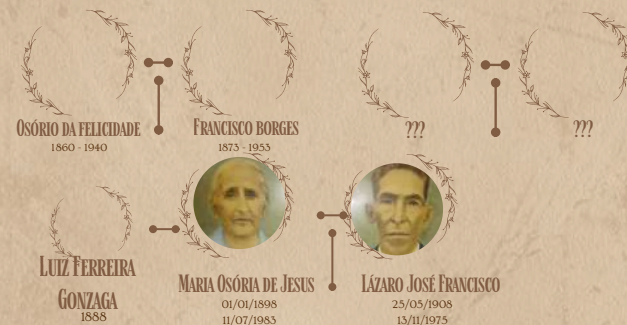
Herdamos o hábito de rir alto, de repetir histórias como se fossem novas, de prolongar os encontros e nunca deixar a mesa vazia.

Ser Gonzaga é isso: viver de coração aberto, multiplicar sorrisos, celebrar a vida em cada detalhe e dançar ao som da própria história.

E quando, em qualquer lugar do mundo, alguém perguntar: "De onde vêm os Gonzaga?", a resposta será sempre a mesma:

Viemos de onde há alegria, música, dança e amor pela vida.

Familia Gonzaga



BRASILINA MARIA VIEIRA GONZAGA

20/09/1933

Casamento
05/05/1951



JOÃO FERREIRA GONZAGA

05/12/1925 - 17/12/1997

Familia Gonzaga

VERVINA MARIA VIEIRA
1870 - 1958

SEBASTIÃO GARDINO VIEIRA
1864 - 1975

???

???



CLEMENTINA MARIA VIEIRA
1898 - 02/11/1975



JOSÉ CARLOS PONTES
1895 - 25/04/77

OSÓRIO DA FELICIDADE
1860 - 1940

FRANCISCO BORGES
1875 - 1955

???

???



MARIA OSÓRIA DE JESUS
01/01/1898 - 11/07/1993



LAZARO JOSÉ FRANCISCO
25/05/1908 - 13/11/1975



BENTA MARIA VIEIRA BORGES (DENTA)
03/01/1921
05/05/202



SEBASTIÃO PONTES (TIO)
28/08/1922
18/07/1999



ANTÔNIO CARLOS PONTES (TOUHO)
14/09/1924
21/10/2014



PAULO VIEIRA PONTES (LINO)
15/12/1927
15/02/2025



ANDRELINO CARLOS PONTES (TIO DE)
16/01/1929
07/05/2012



BENEDITO CARLOS PONTES (DITO)
03/12/1829



BRISILINO CARLOS PONTES
1935
Falece com 10 meses



AVELINO CARLOS PONTES
20/08/1937
29/05/1994



LEONTINA MARIA PONTES MARIANO (TIA NENA - LINS)
10/07/1958



JOVENTINA PONTES DE ARAÚJO (TIA PRETA)
1944 - 1966
(norteu com 22 anos)



LUCRETINA PONTES DE SOUZA (TIA LORA)
10/09/1946



ARELANTINA PONTES GOMES (TIA ALENA)
20/04/1951
29/02/2008



BRASILINA MARIA VIEIRA GONZAGA
20/09/1933

Casamento
05/05/1951



JOÃO FERREIRA GONZAGA
05/12/1925 - 17/12/1997



JOÃO FERREIRA GONZAGA
25/12/1925
03/12/1997



MARIA DAS DORES RODRIGUES
20/12/1909
01/12/1998



JOSÉ FERREIRA GONZAGA
1905 - 1928



APARECIDA MARIA DA SILVA
26/06/1936
14/12/1994



GEORGINA VIEIRA BATISTA
30/08/1952



JORGE VIEIRA GONZAGA
21/03/1953 - 24/02/2003



CLEIZA LIMA DIAS VIEIRA GONZAGA
14/09/1953



MARIA TEREZINHA GONZAGA DE OLIVEIRA
27/10/1955



JOSÉ RAMUNDO DE OLIVEIRA
14/09/1955



PAULO RUBENS LEITE
25/10/1963



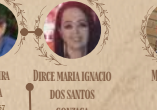
LUÍZ CARLOS GONZAGA
14/01/1961



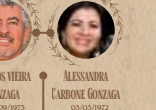
ROSÂNGELA MANDARINI GONZAGA
05/08/64



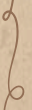
APARECIDA LUÍZA GONZAGA
23/05/1963



GILBERTO VALENTIM DA SILVA CAMPOS
29/04/1964 - 22/05/2025



MARIA LÚCIA GONZAGA DE ALMEIDA FÁRIA
15/07/1965



ANDERSON DE ALMEIDA FÁRIA
15/08/1968



RENATO MARTINS BATISTA
04/11/1978



PEDRO HENRIQUE NOGUEIRA BATISTA
26/07/1978



RAFAEL DIAS GONZAGA
20/05/1982



FABIANA KULESKI GONZAGA
10/03/1976



FLÁVIA GONÇALVES DE OLIVEIRA
07/08/1980



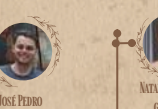
FLÁVIA SABINO CAMPOS DE OLIVEIRA
07/02/1980



GABRIELA MARIA GONZAGA LEITE
24/11/1983



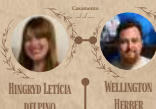
RICARDO DE ALMEIDA GONZAGA
30/08/1980



GABRIEL MANDARINI GONZAGA
32/04/92



JOÃO VITOR GONZAGA CAMPOS
26/03/1986



ALEX AFONSO
14/06/1980



GUSTAVO MARTINS GONZAGA
18/08/2013



GUSTAVO MARTINS GONZAGA
18/08/2013



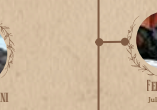
GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



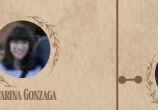
GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



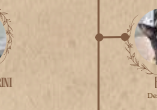
GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



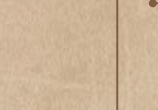
GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



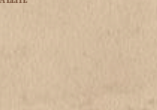
GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



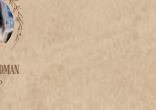
GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



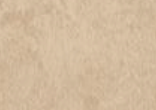
GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



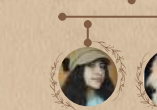
GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



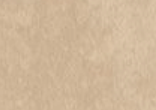
GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013



GUSTAVO MARTINS CAMPOS DE OLIVEIRA
26/06/2013

Família Gonzaga

Quem são os filhos,
NA VISÃO DE
BRASILINA



BRASILINA MARIA VIEIRA GONZAGA

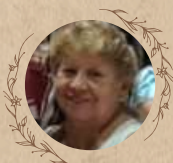
20/09/1933

Casamento
05/05/1951



JOÃO FERREIRA GONZAGA

05/12/1925 - 17/12/1997



GEORGINA VIEIRA
GONZAGA BATISTA

30/03/1952

Criança quieta,
disciplinada,
obediente e
amorosa;
adorava ficar no
colo do vô
Lázaro.



JORGE VIEIRA
GONZAGA

21/05/1953 -
24/01/2003

Muito arteiro
e sapeca;
gostava de
andar a cavalo
e de atentar as
meninas.



MARIA TEREZINHA
GONZAGA DE
OLIVEIRA

22/11/1955

Desde
pequena
trabalhadeira
e organizada;
ganhou o
apelido de
Moezinho.



MARIA BENTA
GONZAGA
LEITE

21/03/19580

Gostava de
brincar e fazer
comidinha no
quintal;
cuidava dos
irmãos mais
novos. Hoje
ela é "na dela"



LUIZ
CARLOS
GONZAGA

14/01/1961

Arteiro e
explorador,
típico menino de
fazenda; adorava
aprontar com os
irmãos. Hoje ele
é muito bom
mais estressa
facil.



APARECIDA
LUIZA
GONZAGA

22/03/1963

Chorona, brava e
birrenta; não
gostava de
dividir suas
coisas, a
Ranheta. Hoje é
boa, mais é brava
e sem paciência.



MARIA LÚCIA
GONZAGA DE
ALMEIDA FARIA

10/07/1965

Carinhosa,
brincava ao ar
livre, subia em
árvores e
andava a
cavalo;
sempre
boazinha.



PEDRO
VIEIRA
GONZAGA

13/11/1967

Criança
arteira e cheia
de energia;
apaixonado
por andar de
carroça.



PAULO
VIEIRA
GONZAGA

13/11/1967

Também
arteiro como
Paulo; gostava
muito de
andar de
carroça.



MARCOS
VIEIRA
GONZAGA

01/09/1973

O mais novo,
nascido em
Jales;
bonzinho,
mas birrento
quando queria
sorvete.

Irmão Reunidos em Jales



90 anos Brasilina

80 anos Brasilina



Familia Gonzaga

Gonzagas

Familia Gonzaga desde 1925 a 2025



Familia Gonzaga Batista



BRASILINA MARIA
VIEIRA GONZAGA

20/9/1933

Casamento
05/05/1951



JOÃO FERREIRA
GONZAGA

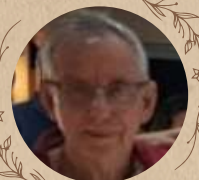
05/12/1925
17/12/1997



GEORGINA VIEIRA
GONZAGA BATISTA

30/03/1952

Casamento
17/12/1977



EDUARDO MARTINS
BATISTA

11/05/1950



VALDEVINO MARTINS
BATISTA

22/08/1922

Casamento
--/--



MINERVINA CUSTÓDIO
BATISTA

24/04/1924



RENATO MARTINS
GONZAGA BATISTA

08/11/1978

Casamento
30/07/2011



PATRÍCIA JOSIANE
MACHADO BATISTA

26/07/1978



CARLA RENATA MARTINS
GONZAGA BATISTA FRANÇA

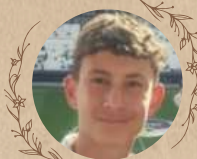
18/05/1982

Casamento
01/06/2013



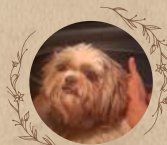
THIAGO CORDEIRO
FRANÇA

09/04/1979



PEDRO EDUARDO
MARTINS MACHADO
BATISTA

16/03/2012



LUKE

26/10/2020



MARIA CLARA MARTINS
FRANÇA

26/05/2021



ISABELLA MARTINS
FRANÇA

24/04/2024

Familia Gonzaga Batista desde 1922 a 2025



Familia Gonzaga Batista

Georgina

Georgina é uma mãe querida e uma super avó. Irmã mais velha de dez irmãos, trabalhou a vida toda como professora e empresária, e mesmo aposentada continua dedicada à casa e à Família. Tem uma fé muito grande, reza sempre por todos e encontra na espiritualidade a força para cuidar de quem ama. Com um coração enorme, adora receber as pessoas em sua Casa...a Pousada da Tia Gê. Muito Comunicativa e amorosa, ama conversar com todos que encontra. Seus netos Pedro Eduardo, Maria Clara e Bella são sua grande alegria.

Renato

Renato é uma pessoa que adora festa, muito comunicativo, conhece todo mundo. É uma pessoa muito bondosa. É advogado, empresário participa de muitas instituições. Gosta muito de contribuir. Ama o futebol e principalmente do Corinthians. E todos adoram ele.

Patrícia

A Patrícia é muito responsável, trabalhadora, muito prática... é quem resolve os problemas das pessoas ao seu redor. É impulsiva, fala o que pensa. Objetiva, não gosta de enrolação. Ama com intensidade. É muito grata a Deus pela sua Vida e da sua família!!!

Pedro

É amor, é amigo é coração. Responsável, determinado, é Resiliente, preocupado com o próximo. Inteligentíssimo, mas sempre colocando amor em toda razão. Ama futebol. Joga campo e salão.

Eduardo

Eduardo é uma pessoa muito humana e determinada, que desde cedo lutou pelos seus sonhos. Com dedicação e carinho, transmitiu valores importantes para seus filhos, ensinando a força da fé em Deus e em Nossa Senhora. Foi bancário, empresário e vereador, sempre engajado em causas sociais e disposto a ajudar quem precisasse. Sempre foi exemplo de fé, coragem e determinação.



Carla

é mãe, empresária e amiga dedicada. Na família, é atenciosa e gosta de estar próxima, cuidando de todos com amor. Ao lado do esposo Thiago, realizou seu maior sonho, o de formar uma família, sendo mãe da Maria Clara e da Isabella. Na profissão, sua facilidade em conversar e se expressar se destaca.

Thiago

é uma pessoa em constante evolução, sempre buscando aprender e se aprimorar. Busca equilibrar a vida familiar e profissional. Ama ensinar suas filhas, criar momentos culturais, ouvir música e ler. Seu trabalho e atitudes refletem seus valores, buscando sempre o bem do próximo e agindo com ética e dedicação

A Maria Clara

é uma graça de menina, muito corajosa, inteligente, é muito leal aos amigos e muito atenciosa. Adora brincar, ir para a escola e cuidar da irmã. É uma filha maravilhosa.

A Isabella,

carinhosamente chamada de Bella, é uma menina muito fofinha e carinhosa. Ela é muito simpática e muito determinada. Aprende tudo muito rápido, principalmente com a irmã. Ela ama brincar e dançar. É uma graça de menina.



Familia Dias Gonzaga



**BRASILINA MARIA
VIEIRA GONZAGA**
20/09/1933

Casamento
05/05/1951



**JOÃO FERREIRA
GONZAGA**
05/12/1925
17/12/1997



JORGE VIEIRA GONZAGA
21/05/1953 - 24/01/2003

Casamento
17/01/1981

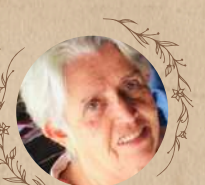


**CLEUZA LIMA DIAS
VIEIRA GONZAGA**
25/04/1953



HERMES JOSÉ DIAS
04/02/1929
04/07/2021

Casamento
04/10/1954



JUELITA MATA LIMA DIAS
14/05/1934
18/02/2022.



**RAFAEL DIAS
GONZAGA**
20/05/1982

Casamento
29/11/2012



**FABIANA KAVALESKI
GONZAGA**
10/03/1976



CARINA DIAS GONZAGA
18/09/1985

Casamento
15/05/2025

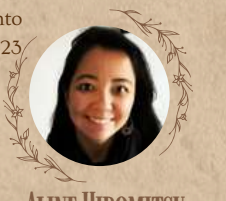


VINÍCIUS GADINI VALIM
05/03/1989

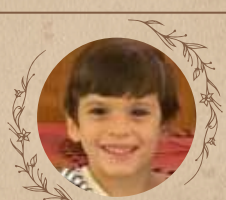


**LUAN ALLAMA
GONZAGA**
15/09/1990

Casamento
21/01/2023



**ALINE HIROMITSU
BALTAR**
22/11/1987



**GUSTAVO KAVALESKI
GONZAGA**
19/06/2015



ANTONI BALTAR GONZAGA
28/05/2023



TEO BALTAR GONZAGA
06/05/2025

Família Dias Gonzaga



Cleuza

Super mãe, dedicada e amorosa. Dona de um talento culinário especial, sua comidinha é sinônimo de alegria e aconchego para todos. Mulher de fé, encontra na oração sua força e transmite amor e esperança a quem está ao seu redor.

Rafael Dias Gonzaga

Economista, viajante profissional e amador, gosta de comer, correr e conhecer lugares novos. Adoro quando vou a Jales e lembro da época da chácara e das histórias que a Vó Lina contava de Ponta Linda. Tento sempre nesses momentos passar um pouco da história dos Gonzagas pro Gustavinho, que também adora viajar pra Jales.

Fabiana Kavaleski Gonzaga,

Publicitária, gosta muito de viajar e conhecer novos países e culturas diferentes. Também gostaria de cozinhar e conhecer novos restaurantes, sempre trabalhou com marketing e comunicação.

Gustavo ,

Gosta de futebol, é gremista e gosta de um bom prato de comida com arroz e feijão. Adora viajar com o papai e mamãe, e curte muito ir a Jales na casa da Bisa.



Carina

Neta gaúcha e psicóloga apaixonada pelas relações humanas e por poder ajudar as pessoas. Ama crianças, cachorros, esportes e viagens – especialmente para o aconchego da praia. Valoriza conversas e vínculos que podem ser leves, mas também profundos e intensos. Pessoa com muita fé e que vive com o coração cheio de gratidão a Deus pela vida.

Vinícius

Engenheiro Civil, apaixonado por futebol e tricolor de coração — não perde um jogo do Grêmio . Aprecia um bom churrasco, cerveja gelada e viagens que renovam a alma. Une o olhar analítico à sensibilidade, carregando consigo um baita coração.



Jorge

Filho homem mais velho que foi se dedicar cedo aos estudos, tornando-se Engenheiro Florestal. Fez mestrado e casou, indo trabalhar e construir sua família no sul. Homem muito inteligente, ajudava bastante as pessoas e muito religioso.



Luan

Luan é um marido parceiro e pai presente, que encontra na família a base para suas conquistas e o combustível para seguir crescendo. No campo profissional, destaca-se pelo comprometimento, pela dedicação e pela visão estratégica, sempre buscando unir resultados consistentes a relações de confiança. Sua trajetória reflete equilíbrio entre valores pessoais e carreira, mostrando que é possível ser referência tanto no lar quanto no trabalho.

Aline

Aline é uma mãe dedicada, que encontra na família sua maior motivação e inspiração diária. No âmbito profissional, construiu uma trajetória sólida marcada por comprometimento, ética e busca constante por desenvolvimento. Sua capacidade de equilibrar os papéis de mãe e profissional reflete sua determinação em oferecer o melhor em todas as áreas da vida, cultivando relações de confiança e entregando resultados consistentes.

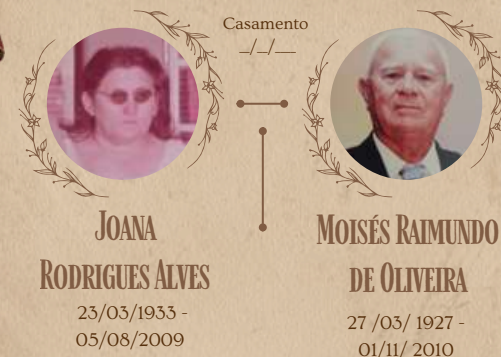
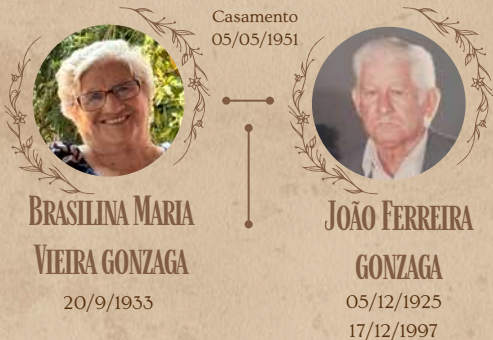
Antoni

Antoni, com apenas 2 anos de idade, é o primogênito da família. Uma criança inteligente, amorosa e cheia de curiosidade, encanta a todos com seu jeito aventureiro e sua energia contagiante. Sua presença ilumina o lar e inspira alegria em cada nova descoberta.

Teo

Teo, com apenas 4 meses, já é a alegria da casa. Seu sorriso ilumina os dias e enche o lar de ternura. Encantado pelo irmão mais velho, demonstra desde cedo seu amor através de olhares e gestos cheios de afeto. Sempre faminto e acolhedor, Teo traz calma e união à família, espalhando risadas, abraços e beijos que fortalecem ainda mais os laços de todos.

Familia Gonzaga Oliveira





Família Gonzaga Oliveira



Terezinha

Mãe dedicada e firme, sempre sociável, comunicativa, trabalhadora e cativante. Amigável e atenta, herdou de sua mãe Brasileira os dotes culinários. Focada na religião e no conhecimento de Deus, dedica-se com carinho aos filhos e netos.

Raimundo

Homem honesto, íntegro e justo, de personalidade forte e reservada. Companheiro, aprecia um bom churrasco com os amigos. Pai conselheiro, confia e respeita as decisões dos filhos. Empresário visionário, trabalhador e inteligente, dedica-se com carinho e cuidado especial aos netos.

Flavio

Homem calmo e sereno, transmite paz e é sempre um bom ouvinte. Inteligente, responsável e curioso, gosta de ler e aprender continuamente. Apaixonado por conhecer novos lugares e culturas, valoriza experiências diferentes. Como pai, é amoroso, cuidadoso e muito presente. A família é seu maior tesouro.

Fernanda

Sorridente e alegre, mãe amorosa. Preza por um ambiente de alegria e celebração. Trabalhadora e dedicada, é prática e "fazedora". Bem intensa. Gentil e mediadora, atua como comerciante. Ama o que faz. Formada em Psicologia, concilia sensibilidade e firmeza em sua trajetória.
"Comerciante, mãe de 3, tia de 3. kkk"

Fabiola

Calma, paciente e gentil. Procura trazer paz e mansidão a todos com quem convive. Discreta, caridosa e pronta para fazer o bem. Seu valor maior está na família. Mãe amorosa, atenciosa e dedicada. Ama estar em contato com a natureza e buscar conhecimento da palavra de Deus.

Fabiana

Mulher determinada e forte, sabe o que quer e age com sensatez. Boa conselheira, mãe carinhosa e dedicada, preza pelo bem-estar da família. Ama viajar, passear e aproveitar cada momento. Sua presença combina firmeza, afeto e alegria, inspirando todos ao seu redor.

João Carlos

Sociável e ligado à família, gosta da vida caseira e valoriza o silêncio. Ponderado, pensa antes de agir, mas também é genioso quando necessário. Formado em Administração de Empresas, apaixonado por tecnologia e curioso, está sempre buscando aprender e descobrir coisas novas.

André

Extrovertido e de personalidade forte. Procura sempre servir e ser generoso com todos ao seu redor. Decidido, animado e divertido, adora se reunir e fazer brincadeiras entre amigos e familiares. Pai responsável e amoroso. Ama montanha, praia e conhecer lugares novos. Tem pressa em viver, por isso necessita estar sempre em movimento.

Manuela

Delicada e gentil, encanta com seu jeito doce e encantado pela vida. Vê sempre o lado positivo das coisas, valorizando pequenas alegrias do dia a dia. Gosta de passear e viajar, aproveitando cada experiência com leveza. Sua energia transmite otimismo e harmonia a quem convive com ela.

Gabriel

Jovem dedicado, determinado e gentil, de temperamento calmo e caseiro. Valoriza a justiça e cultiva um estilo de vida tranquilo. Estudante apaixonado por atividade física, sonha em se tornar profissional de Educação Física ou atuar na área ligada ao corpo e sua fisiologia.

A Bianca

Alegre e expressiva, desde pequena sempre mostrou seu sorriso encantador. Animada, emotiva e perfeccionista. Ama artes e doces, principalmente com chocolate. Um encanto de menina, amorosa, resiliente e com poder de argumentação nato. Ama praia, montanha e conhecer lugares novos. Adora estar com as amigas e com a família.

Cassiano

Engraçado e carinhoso, tem personalidade marcante e senso de humor contagiante. Teimoso às vezes, mas sofisticado e atento aos detalhes. Apaixonado por carros, futebol e momentos descontraídos, não dispensa uma coquinha gelada. Valoriza família e amigos, sempre presente e afetuoso.

Leonardo

Educado e obediente, não gosta de palavrões nem de atitudes folgadas. Mais reservado, mas com bom humor, adora brincar e tirar sarro. Muito amoroso e carinhoso, inteligente e leal, é um grande amigo.

Lara

Determinada e de opinião firme, é geniosa e sabe o que quer. Estudante esperta e sorridente, gosta de conversar, passear e conhecer lugares diferentes. Irritadica às vezes, mas cheia de energia e alegria.

Ruan (gato da família)

Fofinho e dramático, mia bastante para chamar atenção e participar da vida da família. Companheiro divertido e carinhoso, encanta com seu jeitinho único. Traz alegria, leveza e momentos de diversão para todos que estão ao seu redor.



Familia Gonzaga Leite



BRASILINA MARIA
VIEIRA GONZAGA
20/9/1933

Casamento
05/05/1951



JOÃO FERREIRA
GONZAGA
05/12/1925
17/12/1997



MARIA BENTA GONZAGA LEITE
21/03/1958

Casamento
25/12/1990



PAULO RUBENS LEITE
23/10/1963



ANTONIO ÁLVARO LEITE
26/04/1936

Casamento
16/12/1962



CARMEN AMÉRICO LEITE
17/05/1940



GABRIELA MARIA
GONZAGA LEITE
26/11/1983

Casamento
04/03/23



MARCELO DE ALMEIDA
GONZAGA DO AMARAL
MARINO
13/03/87



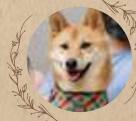
CIRO GONZAGA LEITE
07/04/1994



CLARA GONZAGA LEITE
31/10/1997



LUCCA GONZAGA
MARINO
17/10/2025



HASHI
22/10/22

Familia Gonzaga Leite desde 1925 a 2025

Família Gonzaga Leite

Maria Benta:

É uma pessoa que gosta muito de conversar, às vezes é exagerada em detalhes. É muito responsável, justa e comprometida com tudo que faz, principalmente no trabalho. Não gosta de injustiça e sempre que possível defende os menos favorecidos. Uma mãe amorosa, muito preocupada com os filhos e faz qualquer coisa para protegê-los e defendê-los. Alguns acham que ela é um pouco controladora e gosta de dar opinião para tudo.

Paulo

O Paulo é uma pessoa extremamente ética, não gosta de injustiça, muito sério e responsável no trabalho. Gosta muito de ler e tem um conhecimento amplo sobre muitos assuntos. Muito sensível mas bastante reservado.



Gabriela

A Gabriela é extremamente responsável, independente, não é de falar muito dela, mas é amorosa com a família e tem amizades muito duradouras. Tem muita seriedade no trabalho mas valoriza o lazer na vida. Mantem uma vida mais reservada.

Marcelo

Marcelo é um cara tranquilo, mas cheio de opinião — principalmente quando o assunto é música, futebol ou videogame. Ama a família, é reservado no jeito, mas solta o lado piadista quando está entre os seus. Não suporta injustiça, mas adora uma boa zoeira. Criativo, curioso e meio nerd assumido, agora encara sua maior aventura: ser o pai do Lucca.

Lucca

Lucca já é muito amado e esperado. Antes mesmo de nascer, enche a família de alegria, esperança e carinho. Sua chegada será um presente especial que iluminará ainda mais a vida de todos.



Ciro

O Ciro sempre foi um menino amoroso, gosta de privacidade, é muito seletivo em relação aos amigos. Ele não gosta de situações de injustiça com o outro. Gosta muito de ler e tem conhecimento profundo sobre diversos assuntos.



Clara

A Clara é extremamente amorosa e espontânea, expressa muito o que sente, tem boa relação com todos tipos de pessoas. Muito corajosa e enfrenta os desafios da vida de uma forma muito otimista e criativa. Mas também não leva desaforo pra casa, quando contrariada responde na hora.



Familia Gonzaga Mandarinini

Casamento
05/05/1951



**BRASILINA MARIA
VIEIRA GONZAGA**
20/9/1933



**JOÃO FERREIRA
GONZAGA**
05/12/1925
17/12/1997

Casamento
15/09/1952



MARINO MANDARINI
09/05/1930
18/11/2007



HILDA VIDOTI MANDARINI
04/08/1933
07/09/2024

Casamento
16/09/89



LUIZ CARLOS GONZAGA
14/01/1961



ROSÂNGELA MANDARINI GONZAGA
02/08/64



GABRIEL MANDARINI GONZAGA
02/06/92



LUCAS MANDARINI GONZAGA
23/09/1994



VINICIUS MANDARINI GONZAGA
05/03/97

Família Gonzaga Mandarinini



Luiz Carlos Gonzaga
é um homem que teve sua infância maravilhosa no campo, o que influenciou sua formação acadêmica em Agronomia. Ele é o filho do meio e sempre se preocupou em ajudar os irmãos. Casou com o amor de sua vida e tem três lindos filhos. Aposentou-se cedo, mas ainda trabalha na Prefeitura de Jales. Valoriza a família e é comprometido com a comunidade. Ele é um pai dedicado, participa de atividades beneficentes e pastorais da Igreja Católica, ajudando as pessoas necessitadas com amor e empenho.

Rosângela

Mulher de ética, seriedade e honestidade, com um jeito simples e meigo de ser. Tem um amor imenso pela família e pelos filhos. Casada há 36 anos com Luiz, é profundamente religiosa e dedicada: tudo o que assume, faz com sabedoria e dedicação. Uma companheira leal e admirável.



Gabriel

Homem honesto, simples e gentil. Responsável, de bom coração e sempre disposto a ajudar, transmite confiança e bondade em suas atitudes.

Lucas

Calmo, responsável e reservado, é alguém de postura ética e firme. Hoje, formado em pediatria, une sua serenidade à dedicação em cuidar das pessoas.

Vinícius

Muito especial, é ético, bondoso e cheio de amor no coração. Ama a família, vive com alegria e espalha felicidade por onde passa.



Familia Gonzaga Campos

Casamento
05/05/1951



**BRASILINA MARIA
VIEIRA GONZAGA**
20/9/1933



**JOÃO FERREIRA
GONZAGA**
25/12/1925 - 17/12/1997

Casamento
20/01/1993



APARECIDA LUIZA GONZAGA
22/03/1963



GILBERTO VALENTIN DA SILVA CAMPOS
29/04/1964 - 22/05/2025

Casamento
14/01/2020



JOÃO VITOR GONZAGA CAMPOS
26/03/1986



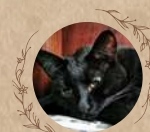
ALEX AFONSO
14/06/1979



ELSA
Dezembro 2017



MORTON FERDMAN
Dezembro/2015



FELA KUTI
Julho 2018

Familia Gonzaga Campos desde 1925 a 2025

Família Gonzaga Campos



Cidinha

Uma mulher honesta e cheia de energia, que valoriza a família, aprecia momentos de descanso, ama o teatro e o filho com intensidade e dedicação.



Gilberto

Era um corretor de seguros, ele era uma pessoa muito sistemática e honesta.
Gostava de tocar viola caipira.
Tinha duas filhas.



João Vitor

João Vitor é filho único de Cidinha e o único neto que viveu com os avós até os seis anos de idade, período em que foi criado por sua mãe, que é mãe solo. Aos seis anos, passou a morar com ela e o padrasto. Formou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), na capital paulista. Durante sua trajetória acadêmica e profissional, trabalhou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e também na Reitoria da universidade, no gabinete do reitor. Atualmente, busca novas oportunidades nas áreas de educação e comunicação.

Alex

Alex é casado com João Vitor; eles oficializaram a união em 2021, um mês antes do início da pandemia. Atua na área de criação digital, sendo fotógrafo, professor e colaborador da empresa Adobe. Fluente em inglês e espanhol, desenvolve trabalhos para os Estados Unidos e para a Europa.



Elsa

por sua vez, é uma gata muito comunicativa e carinhosa. Ela adora passear, é ágil para escapar e sempre responde com miados quando João a chama.

Morton Ferdman

é o gato mais velho da casa, atualmente com dez anos. Ele foi adotado na Rua Augusta, em São Paulo. Na época, acordei de ressaca e encontrei o gatinho deitado sobre mim. Seu nome é uma homenagem a um compositor dodecafônico que estudei na disciplina de Filosofia da Música, na faculdade.

Fela Kuti

é um gato preto muito grande, parece uma pantera mas é muito medroso. Ele adora dormir abraçado com o Alex.



Familia Gonzaga Almeida Faria

Casamento
05/05/1951



**BRASILINA MARIA
VIEIRA GONZAGA**
20/9/1933



**JOÃO FERREIRA
GONZAGA**
05/12/1925
17/12/1997

Casamento
29/04/1995



**MARIA LÚCIA GONZAGA
DE ALMEIDA FARIA**
10/07/1965



**ANDERSON DE
ALMEIDA FARIA**
15/05/1968

Casamento
--/--



**ADILSON DOS
SANTOS FARIA**
30/07/1940



**EUNICE DE
ALMEIDA FARIA**
28/06/1949



DUMBO
06/06/2006 - 17/10/2022



LELECO
22/11/2011



MELLO
2010

Família Gonzaga Almeida Faria



Lucia

é uma pessoa atenciosa e generosa, com uma sensibilidade aguçada para a dor e as necessidades dos outros. Muito perceptiva, está sempre disposta a ajudar o próximo. Busca constantemente ouvir mais e aprimorar-se como pessoa. Sensível e curiosa, ama estudar e aprender coisas novas, sendo formada em línguas. Tem grande interesse por nutrição, aprecia a leitura e o estudo da Bíblia, e valoriza o autoconhecimento por meio da terapia. Além disso, é uma excelente conselheira.



Dumbo foi um cachorrinho calmo, tranquilo e reservado, que escolhia com cuidado as pessoas com quem se relacionava. Apesar de sua natureza serena, tinha um espírito de liderança natural.

Leleco é um cachorrinho temperamental, um pouco nervoso e bastante seletivo com as pessoas de quem gosta. Adora ser protegido e receber carinho, mas só demonstra afeto quando está com vontade. Tem uma personalidade marcante e independente, o que o torna ainda mais especial.

Mello é um cachorrinho carinhoso, alegre e divertido. Muito afetuoso, gosta de se doar e estar sempre perto de quem ama. Dependente e carente, busca constantemente carinho e companhia, sendo um verdadeiro companheiro em todos os momentos.



Anderson

é um homem honesto, trabalhador e correto, com valores e princípios sólidos, difíceis de serem modificados. Tem opiniões firmes sobre os assuntos que considera importantes, e demonstra sua sensibilidade de forma discreta. Criativo e divertido com aqueles que lhe são próximos, possui formação militar e é extremamente leal. Quando gosta de alguém, demonstra afeto genuíno. Muito ligado à família, é protetor e um provedor dedicado.



Familia Gonzaga Batista



**BRASILINA MARIA
VIEIRA GONZAGA**
20/9/1933

Casamento
05/05/1951



**JOÃO FERREIRA
GONZAGA**
05/12/1925
17/12/1997



PEDRO VIEIRA GONZAGA
13/09/67

Casamento
06/07/2002



TEREZA ROSA BATISTA GONZAGA
02/03/1977

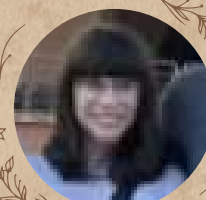
Casamento
-/-

XXX
1903 - 1975

XXX
1900 - 1976



**JOSÉ PEDRO BATISTA
CONZAGA**
19/09/2002



CATARINA GONZAGA
28/12/2012

Família Gonzaga Batista

Pedro Gonzaga

Pedro é uma pessoa alegre e contagiante. Onde quer que ele vá, sempre traz uma brincadeira, mostrando seu jeito brincalhão e animado.

Terez Rosa

é advogada, muito inteligente, divertida, estudou em Marília, é esposa do Pedro, católica, mãe do José Pedro e da Catarina, mora em Votuporanga.

José Pedro

é o filho mais velho do Pedro, ele estuda medicina em Votuporanga, é muito querido por todos e logo será o mais novo médico da família

Catarina

é a filha caçula do Pedro e da Terezinha ela é uma garota muito inteligente, tem muitas amigas, adora a tia Cidinha e gosta muito de estudar.



Familia Gonzaga Ignácio

Casamento
05/05/1951



BRASILINA MARIA
VIEIRA GONZAGA
20/9/1933

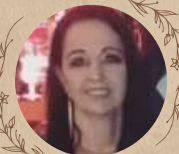


JOÃO FERREIRA
GONZAGA
05/12/1925
17/12/1997

Casamento
01/09/1990



PAULO VIEIRA GONZAGA
13/09/67



DIRCE MARIA IGNACIO DOS
SANTOS GONZAGA
23/02/67

Casamento
05/02/ 1961



MARIZIA GAZIANE
IGNACIO
01/09/1937



JOÃO IGNACIO
10/02/1927

Casamento
02/12/2023

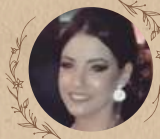


NATÁLIA IGNÁCIO GONZAGA
07/10/1986

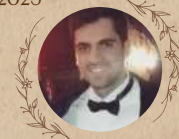


MARIANA COSTA DE
FREITAS
27/01/1993

Casamento
26/09/2023



MARINA GONZAGA ÁVILA
09/06/1992



RAMON ÁVILA
09/10/1993

Casamento
12/06/2012



JOÃO PAULO IGNÁCIO
GONZAGA
17/01/1991



DANIELE GALIATO
GONZAGA
29/03/1990



VILLANELLE
07/06/2020



CECÍLIA GONZAGA ÁVILA
31/05/2025



INÁCIO GALIATO GONZAGA
22/04/2013



AMÁLIA GALIATO GONZAGA
17/03/2020

Família Gonzaga Ignácio



Paulo Gonzaga

Calmo e sereno, sempre foi um verdadeiro paizão. Pacificador por natureza, transmitia amor em cada gesto e em cada palavra, sendo exemplo de ternura e cuidado para todos ao seu redor.

Dirce

Trabalhadora e cheia de energia, é uma mulher de coração bondoso, que sempre estende a mão para ajudar sua família. Cuidadosa e firme, exerce a maternidade com amor e disciplina, guiando os filhos com firmeza, mas sempre com carinho e dedicação.



Marina

é uma pessoa muito cuidadosa com os irmãos, genio forte, brava, opniao firma , energica, ela gosta muito das coisas do jeito dela, é perfeccionista. gosta muito de estar junto com as amigas. gosta muito da familia. Ela é uma mãe cuidadora, protetora .

Ramon

é um homem, pai e esposo muito querido por todos, profissional com muita competência ,um gde filho, pronto para ajudar em qualquer momento, enfim é um filho tbem...

João Paulo

Filho carinhoso, amigo e dedicado, João Paulo é companheiro e cheio de amor em cada gesto. Tranquilo e apreciador de bons momentos, gosta de filmes, churrasco e uma cerveja nos momentos de lazer. Como pai, é amoroso, cuidadoso e protetor, sempre presente para sua família.

Natália

Calma e serena, Natália transmite amor e cuidado em tudo o que faz. Apaixonada pela natureza, encontra alegria e paz no contato com o mundo ao seu redor, irradiando tranquilidade e ternura para todos que estão perto dela.

Mariana

ela é extremamente prestativa, adora cozinhar. Muito amorosa e companheira.



Cecília

Bebê encantadora, muito querida e cheia de sorrisos, capaz de alegrar todos ao seu redor com sua presença doce e radiante.

Daniele

uma esposa, mãe e companheira em todo momento, protetora e cuida como ninguém da sua família, tbem e uma filha para nós...

Inácio

Amável e cheio de alegria, Inácio irradia felicidade por onde passa. Super expressivo, transmite suas emoções de forma genuína, contagiando todos ao seu redor com seu entusiasmo e bom humor.

Amália

Amável e cheia de alegria, Amália irradia felicidade por onde passa. Super expressiva, demonstra carinho genuíno e um amor especial pela vovó Dirce, tornando cada momento ao seu lado ainda mais especial.



Familia Gonzaga Carbone

MARCOS

Casamento
05/05/1951



BRASILINA MARIA
VIEIRA GONZAGA
20/9/1933

JOÃO FERREIRA
GONZAGA
05/12/1925
17/12/1997

Casamento
--/--



ANTÔNIO CARBONE
HERBER
29/01/1940

XXXX
16/04/1952

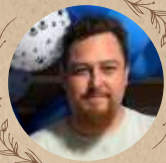
Casamento
30/03/2002



MARCOS VIEIRA GONZAGA
01/09/1973

ALESSANDRA CARBONE GONZAGA
03/03/1972

Casamento
xx/xx/xxx



HINGRYD LETÍCIA DELPINO
13/05/90

WELLINGTON HERBER
xx/xx/xxxx

Casamento
15/11/2024



JOÃO FERREIRA
GONZAGA NETO
29/05/2003

GIOVANA BIO FERREIRA
12/02/2004



DAVI CARBONE GONZAGA
22/12/2009



ANTONIO HERBER
21/07/2019



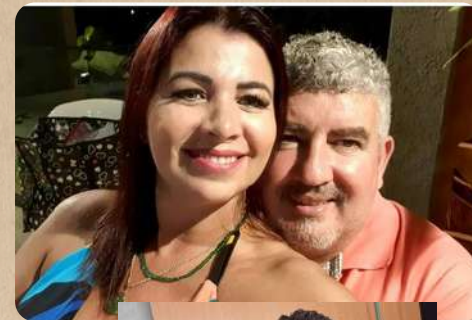
Família Gonzaga Carbone

Marcos

filho caçula ele tinha uma deficiência no joelho quando criança e por isso usava uma prótese. Após uma cirurgia deixou de usar. Muito divertido, ele trabalhou por muitos anos no comércio, atualmente trabalha com logística de pessoas. Ele é muito pró-ativo, bem humorado, festeiro e adorado por toda sua família.

Alessandra

é professora de português da rede estadual de ensino, atualmente é coordenadora pedagógica de umas das principais escolas de Jales, o euphly jalles. Muito apaixonada pelo marido Marcos e pelos três filhos.



João Neto

Tem o nome do avo paterno. Muito inteligente, esportista, cursa medicina em Pedro Ruan Canballero, Paraguai juntamente com sua esposa Giovanna.

Giovana

Giovanna é esposa de João Neto. Giovanna conheceu JN na infância. Voltaram a se encontrar na faculdade de Direito. Eles se casaram em 2024, são muito apaixonados e tem muitos sonhos juntos. Cursam medicina.

Davi

Davi é o filho caçula da família, faz atualmente o ensino-médio, gosta muito de sair com os amigos, ir nas festas com a família e também é um ótimo churrasqueiro.



O QUE NOS GUIA?!?

Família Gonzaga

VOZES DE NOSSAS
RAIZES...

LEGADO EM FRASES... PARA FUTURAS GERAÇÕES

Paulo Vieira Gonzaga - 57 anos

Amar mais uns aos outros, se amar, respeitar os pais e irmãos, conviver melhor com todos ao nosso redor, ter sempre uma religião ou crença, reunir-se para compartilhar conhecimento e frequentar uma doutrina para falar da palavra de Deus. — Paulo Gonzaga

Gabriel Gonzaga de Oliveira dos Santos - 13 anos

disciplina é meu caminho, o foco é meu guia e a determinação é minha força. Cada treino, cada escolha e cada esforço me aproximam do que eu quero ser.
— Gabriel Gonzaga de Oliveira, 13 anos

Fernanda Gonzaga - 2020

*Suor e odio economiza sangue e lacrima. -
Citação militar - Fernanda - 2020*

Manuela campos de oliveira - 16 anos

*Você pensa que nunca vai esquecer, e esquece.
Você pensa que essa dor nunca vai passar, mas passa.
Você pensa que tudo é eterno, mais não é.*
- Clarice Lispector.

Brasilina Maria Vieira gonzaga - 92 anos

*“Depois de tanto viver, aprendi que falar menos, ouvir mais e confiar em Deus evita muitos sofrimentos. A verdadeira sabedoria está em viver com humildade, fé e respeito a Deus, porque é dele que vem a direção para uma vida melhor.”
— inspirado em Livro dos Provérbios 9:10 e 10:19*

Alex Afonso - 45 anos

*“Se você não consegue amar a si mesmo, como diabo vai amar outra pessoa?”
— RuPaul Charles*

Andre Queiroz Oliveira - 45 anos

*“Apressa-te a viver bem e pensa que cada dia é, por si só, uma vida.”
— Sêneca (Cartas a Lucílio)*

Jorge Vieira Gonzaga -
49 anos

“Perdoar é devolver ao outro o direito de ser feliz”. (Jorge Gonzaga)

Jorge Vieira Gonzaga - 49 anos

“A sabedoria está em ir descobrindo o que é realmente suficiente e necessário para levarmos uma vida digna e sábia”. (Jorge Gonzaga)

Família Gonzaga desde 1860 a 2025

Carina Dias Gonzaga - 39 anos

Que vocês cuidem da saúde como um templo sagrado, cultivem o amor como a maior força de transformação e mantenham a fé como a luz que guia os passos em tempos de escuridão. Que cada nova geração saiba que o corpo é morada, o coração é caminho e a fé é a chama que nunca deve se apagar.” - Carina Dias Gonzaga

Lara Russel Gonzaga
de Oliveira dos
Santos - 8 anos

*“Tenha coragem
e seja gentil.” —
Cinderela,
2025*

Terezinha Gonzaga de Oliveira - 69 anos

Jesus é viver uma justiça mais profunda do que regras externas: é ter coração puro, amar até os inimigos, praticar a fé sem ostentação, confiar em Deus e buscar primeiro o Seu Reino. - Matheus 5 e 6

Luan Allama Gonzaga - 34 anos

*Persistir sempre, desistir nunca.
(Luan Gonzaga, 34 anos)*

José Raimundo de
Oliveira - 72 anos

*“Com tempo, recursos e
paciência, tudo se resolve.
Aja sempre com honestidade,
mantenha o foco no que deseja e
trabalhe com determinação até
conquistar seus objetivos.” -
Raimundo - 72 anos*

Joao Carlos dos Santos
Junior - 48 anos

*Recado para os meus
filhos :
o meu nao te protege o
meu sim te promove.*

O QUE NOS GUIA?!?

Família Gonzaga

VOZES DE NOSSAS
RAIZES...

LEGADO EM FRASES... PARA FUTURAS GERAÇÕES

Rafael Dias Gonzaga - 43 anos

"Antes feito do que mal feito" – provérbio popular, autoria desconhecida.

"Nove mulheres grávidas não fazem um bebê em um mês" – metáfora ligada à Lei de Brooks, sem autor definido.

Leonardo Gonzaga de Oliveira dos Santos - 11 anos

*Quando você decide seguir em frente, não há necessidade de olhar para trás.
(Roronea Zero - On Piece)*

*Milagres só acontecem com as pessoas que não desistem." –
Emporio Ivankov - On Piece*

Cassiano Salome Campos de
Oliveira - 14 anos

*"Torna-te quem tu és"
– Friedrich Nietzsche*

Bianca Akemi de oliveira Queiroz - 13 anos

*Seja você mesmo - Bianca
Bianca Akemi de oliveira
Queiroz - 13 anos*

Fernanda Gonzaga de Oliveira dos Santo - 45 anos

*A vida pertence a quem age com coragem, foco, e determinação; siga seus objetivos com força de vontade, seja gentil e transmita alegria em cada atitude. Você pode tudo! Basta acreditar e fazer acontecer
Fernanda Gonzaga de Oliveira - "Tia fer"*

Carla Renata Martins Gonzaga Batista França - 43 anos

Aproveite o momento presente, ele é o único que realmente temos" é um lembrete para viver o aqui e agora, focando no presente, já que o passado não pode ser mudado e o futuro é incerto. Ao dar atenção ao momento atual, podemos agir com mais presença, gratidão e propósito, transformando-o num espaço de plenitude e felicidade, em vez de o deixar escapar para preocupações ou ansiedades.

Fabiola Gonzaga de Oliveira Queiroz - 43 anos

*Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para a edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem."
— Efésios 4:29*

Luiz Carlos Gonzaga - 64 anos

"Nunca esqueçam o quanto aqueles que vieram antes de nós lutaram para que estivéssemos aqui. Sejam solidários, mantenham a família unida, respeitem uns aos outros e valorizem os descendentes — o maior presente que Deus nos deu. Que possamos ser construtores de um mundo melhor, dando sempre o exemplo com justiça, humanidade e bondade." — Luiz Gonzaga

Cleuza Lima Dias Vieira Gonzaga - 72 anos

*"A Oração é uma prática fundamental em nossas vida, para fortalecer a nossa fé, e o nosso relacionamento com Deus, e sentir a sua presença diária em nossas vida"!-
Cleuza Lima Dias Vieira Gonzaga - 72 anos*

Fabiana Salome Campos de Oliveira - 45 anos

*Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é
- Caetano Veloso, da música "Dom de Iludir".*

Flavio Gonzaga de Oliveira - 45 anos

Não existe bônus sem ônus; a sabedoria está em reconhecer o valor de ambos - Flavio Gonzaga de Oliveira

Joao Carlos dos Santos Junior - 48 anos

"Se procurar bem, você acaba encontrando... Não a explicação da vida, mas a poesia inexplicada da vida." – Carlos Drummond de Andrade

Família Gonzaga desde 1860 a 2025

O QUE NOS GUIA?!?

Família Gonzaga

VOZES DE
NOSSAS RAIZES...

LEGADO EM FRASES... PARA FUTURAS GERAÇÕES

"Eu sou vários,
a vários em mim.
Cada pedaço, um eco,
cada eco, uma história.
Sou risos e silêncios,
sonhos e medos,
um universo inteiro
dentro de um só ser."

Nietzsche em "A Gaya Ciência"

Cada palavra tem sua consequência, e
cada silêncio também." — atribuído a
Sartre/Freud (uso popular)

"Até você se tornar consciente do
inconsciente, ele dirigirá sua vida e você o
chamará de destino." — Carl G. Jung

"A maior felicidade é saber a razão da
própria infelicidade."
— Fiódor Dostoiévski

"Quem quiser aprender a voar um dia,
deve primeiro aprender a ficar de pé, a
andar, a correr, a subir e a dançar; não
se aprende a voar voando! (...) Uma
árvore que quer chegar ao céu precisa
estender suas raízes até o inferno."

— Friedrich Nietzsche

"Quanto mais você é, menos precisa provar."
— autoria popular, inspirada em Lao Tse

"Poucos veem o que somos, mas todos veem
o que aparentamos."

— Nicolau Maquiavel

"A maior felicidade é saber a razão da
própria infelicidade."

— Fiódor Dostoiévski

"Vencer a si próprio é a maior das
vitórias." — Platão

"A criança reclama; o adulto resolve. A reclamação
nada mais é do que uma tentativa de chamar a atenção,
na esperança de que alguém resolva o problema que
ainda não conseguimos enfrentar por nós mesmos."

"Você tem brio? É ler até entender, é
não se contentar com a ignorância, é insistir
até fazer sentido." — Clóvis de Barros
Filho."

"Quem não estima a vida não a
merece." — Leonardo da Vinci

Você só é livre quando faz o que
não quer." — inspirado em Kant

"O homem inteligente aprende com
tudo e com todos; o homem comum
aprende com a própria experiência; o
tolo já tem todas as respostas." —
Sócrates

"Somos feitos de carne, mas temos
de viver como se fôssemos de ferro."
— Sigmund Freud

"Acredite em milagres, mas não
dependa deles." — inspirado em
Immanuel Kant

"Aquele que tem um parque para
viver pode suportar quase qualquer
como." — Friedrich Nietzsche

"Ninguém pode construir em teu
lugar as pontes que precisarás
atravessar no rio da vida. Só tu, e
ninguém mais, podes fazê-lo." -
Inspiração em Nietzsche

Nós somos o que repetidamente
fazemos. A excelência, portanto, não
é um ato, mas um hábito." —
Aristóteles

Família Gonzaga

Casa de Vó

O Verdadeiro Significado de Família

Relatos de um um final de semana



Neste domingo, quando fui para Jales, vivi um daqueles momentos que nos fazem entender o verdadeiro significado de família. Ali, no meio dos que puderam estar presentes, senti com profundidade o papel da vizinha na nossa história.

A vó... uma mulher forte, cheia de vivências, memória viva de outras gerações e, ao mesmo tempo, o elo que mantém todos conectados. Ela estava muito bem — com o rosto sereno, saudável, conversando com todos, contando histórias dos irmãos, lembrando o passado... mas também comentando sobre o presente com uma lucidez admirável. Apesar das limitações físicas que a idade impõe, o olhar dela continua afiado. Queria ir até o fogão, dar conta do fogo alto, cuidar do arroz e do bife... e ainda estava atenta ao bolo que assava no forno! Quando estávamos montando a mesa, ela percebia tudo: eu organizando, as crianças ajudando, e ela ali, observando cada detalhe, notando até quando faltava um talher. Muito esperta! Talvez seja frustrante não poder mais colocar a mão na massa como antes, mas mesmo assim, participava de tudo com sua presença ativa — falando, pedindo, orientando. E todos atendiam com carinho e respeito.

A tia Cidinha também estava lá — ativa como sempre. Mesmo enfrentando o luto recente pela perda do seu companheiro, ela não para um segundo. É daquelas presenças que preenchem os espaços com vida: falante, animada, com aquele jeito barulhento que só quem ama de verdade tem. Está sempre fazendo algo, ajudando, cuidando, organizando, pensando em mil coisas ao mesmo tempo. É impossível não notar sua entrega. Ela é um motor ali dentro, movida pelo amor à mãe, à família, ao que importa de verdade. E mesmo com o coração sensível, ela segue, forte, presente, sendo apoio e ação ao mesmo tempo. Uma força admirável.

E a minha mãe, em um gesto de afeto e zelo, escovou os dentes da vizinha — um detalhe singelo, mas que traduz a ternura e o cuidado que cercam nossa avó.

A casa estava cheia. Crianças brincando e correndo, fazendo bagunça, o gato andando pelo meio, todos falando ao mesmo tempo, compartilhando histórias... A tia Maria, o tio Rui chegando, o tio Paulo presente ali com a vó, compondo aquela movimentação gostosa que só uma casa viva tem. Até por vídeo ela conversou com a Fabiola e a Bianca — e foi emocionante ver como, mesmo à distância, ela faz questão de estar perto.

Na hora do almoço, todos à mesa. Uma oração feita com fé, conversas cruzadas, risadas, algumas falas atravessadas, mas tudo com respeito. Cada um tentando acolher o momento do outro, e todos buscando tornar aquele ambiente o mais leve e especial possível para a nossa vizinha — como forma de retribuir tudo o que ela sempre fez por nós. Depois do almoço, cada um ajudou como pôde: uns lavando a louça, outros conversando com ela, as crianças brincando... e logo já montávamos a mesa do café da tarde, com o bolo de milho quentinho saindo do forno e o café recém-passado perfumando a casa.

Foi tudo tão rápido, mas ao mesmo tempo tão profundo. Uma emoção difícil de descrever, daquelas que ficam marcadas no coração.

Ali, mais uma vez, entendi o que é ser família: aceitar as diferenças, se dedicar mesmo com cansaço, fazer esforço para estar presente, se unir dentro das possibilidades. Temos a dívida de ainda ter a nossa vizinha com seus 92 anos — nosso pilar, nosso centro. Cada pequeno gesto é um tributo à história que ela carrega e à família que ela ajudou a construir com tanto amor.

E mesmo com todas as realidades diferentes que cada um vive, ali estávamos: juntos. E isso é o que importa.

Tudo isso eu senti na viagem de volta. Fico muito feliz por fazer parte dessas histórias. E é isso: só contamos essas memórias porque estivemos presentes.

Deus sempre tem algo a nos ensinar nos pequenos momentos da vida. Para mim, esse dia foi uma grande lição sobre o que realmente é ser família.

Texto Escrito por Fernanda Gonzaga

Sobre a morte...

Ahhhhhhhhh.... A VIDA!!!!!!

Sobre a morte e sobre a vida !

A morte é estranha. Ela chega sem pedir licença, interrompe histórias no meio do caminho, silencia vozes que ainda tinham tanto a dizer. De repente, alguém que ontem sorria, brigava, reclamava ou apenas vivia... hoje é ausência. E, no entanto, presença eterna na lembrança. É estranho como, mesmo sendo a única certeza da vida, nunca estamos prontos.

A morte transforma a rotina, bagunça os planos, muda o som da casa.

Deixa um silêncio que grita, um vazio que nenhuma palavra consegue preencher.

Nesse processo, vivemos fases que nos atravessam de formas diferentes.

No início, a negação: não acreditamos que seja verdade, como se a qualquer momento a porta fosse se abrir de novo.

Depois vem a raiva, contra tudo e todos, contra o destino, contra Deus, contra a injustiça de perder quem amamos.

Chegamos à barganha, quando o coração implora por uma chance, por um “se eu tivesse feito diferente... talvez ainda estivesse aqui”.

Então, a depressão nos envolve em sua sombra, e a saudade pesa como uma pedra no peito.

Por fim, pouco a pouco, a vida nos leva à aceitação — não como quem esquece, mas como quem aprende a carregar a ausência com amor, transformando dor em memória.

E talvez seja por isso que dizem que o luto é como glitter.

Por mais que o tempo passe, sempre fica um brilho espalhado pela alma.

Às vezes quase imperceptível, às vezes intenso, mas nunca desaparece completamente.

O amor vivido continua deixando marcas em nós — não apenas de dor, mas também de luz, aprendizado e lembranças que insistem em permanecer.

E, mesmo depois das lágrimas, ainda encontramos pequenos reflexos de quem partiu nos gestos, nas músicas, nos lugares e até nos detalhes mais simples da vida.

E é nesse caminho que a morte, por mais cruel que seja, também nos ensina.

Ela nos mostra o valor dos detalhes, dos abraços demorados, do “eu te amo” que antes parecia pequeno demais para ser dito.

Revela que o tempo é agora, que amar é urgente, que viver é um privilégio nos mínimos gestos.

A morte é estranha porque não leva apenas quem parte — leva também uma parte de quem fica.

Mas, de alguma forma, ela aproxima corações, reconcilia distâncias e nos lembra que cada instante é único.

E é aqui que a vida ganha novo sentido. Porque, apesar da dor, ela nos convida a agradecer todos os dias pelo simples milagre de acordar, respirar, amar.

Que possamos aprender a viver como quem espalha luz, como quem estende a mão, como quem perdoa, acolhe e oferece esperança.

Que a nossa presença seja capaz de impactar o outro com alegria, energia positiva e verdade.

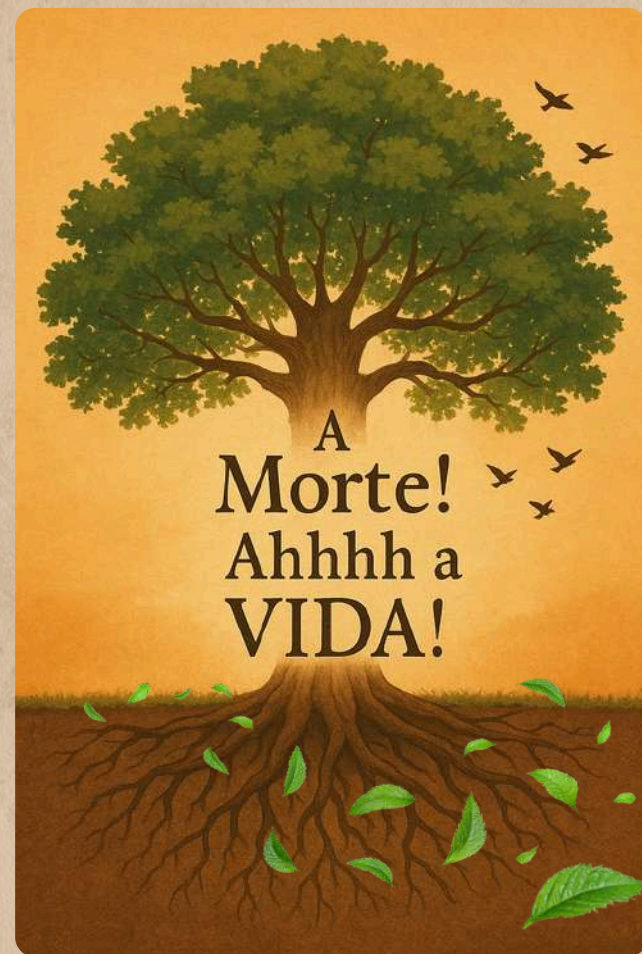
Porque no fim, quando a morte chegar — e ela chegará — não importará o que acumulamos, mas sim o quanto conseguimos amar.

Que a nossa passagem pela vida seja curta ou longa, mas sempre transformadora.

Então viva! Viva o hoje, porque ele é tudo o que temos.

E que cada passo seja um agradecimento, cada gesto uma celebração, e cada encontro uma oportunidade de deixar rastros de bondade, paz e amor.

A morte pode ser estranha, mas a vida... a vida é o maior presente que temos para honrar.



Árvore com folhas e raízes visíveis!

- Raízes profundas: guardam quem se foi, sustentam nossas lembranças e fortalecem nossas histórias.
- Galhos e folhas que florescem: carregam quem permanece, espalhando amor, alegria e memórias vivas.
- Folhas caindo suavemente: lembram a passagem do tempo e a beleza da vida em cada instante.
- Pássaros em voo: simbolizam a alma dos que já se foram e a continuidade do amor e das memórias.
- Caminhos entrelaçados: conectam passado e presente, mostrando como memórias e aprendizados transformam aqueles que seguem vivendo.

Ipês: A Jornada da Vida em Cores, Cheiros e Memórias

O ipê nos fala da vida como uma sinfonia de ciclos, desafios e renascimentos. Durante o inverno, quando o chão se racha sob o sol e o vento frio percorre cada galho, ele se mantém firme, recolhendo forças invisíveis no âmago da terra. Em silêncio, como se respirasse profundamente, prepara-se para o milagre que está por vir.

E então, chega o momento: uma explosão de cores transforma o cenário cinza. O amarelo intenso brilha como o sol da manhã que aquece o corpo e o coração. O roxo profundo lembra a densidade da alma que enfrentou a noite mais longa. O rosa suave surge como suspiro de esperança, e o branco puro representa a paz conquistada após cada desafio. O ar se enche do perfume leve e inebriante das flores, enquanto o vento espalha pétalas como se distribuisse memórias pelo mundo. Passarinhos dançam entre os galhos, atraídos pela vida que insiste em florescer. Cada folha que cai, cada galho que se curva ao vento, é uma história de resistência, uma lembrança de que a vida segue, mesmo diante das maiores adversidades.

Nossa história pessoal e familiar reflete o ipê. Cada dificuldade enfrentada, cada perda e cada aprendizado fortalece nossas raízes internas — memórias, afetos e experiências que nos sustentam. Nossa árvore genealógica é viva e pulsante:

- Raízes profundas: guardam quem veio antes, preservando histórias, ensinamentos e memórias que nos moldam.
- Galhos e folhas que florescem: carregam os que permanecem, espalhando amor, alegria e lembranças vivas.
- Folhas caindo suavemente: nos lembram da passagem do tempo e da preciosidade de cada instante.
- Pássaros em voo: representam aqueles que partiram, mas cuja presença e amor continuam a nos visitar.
- Caminhos entrelaçados: conectam passado e presente, mostrando que nossas memórias, experiências e afetos transformam cada geração que segue vivendo.

O ipê nos inspira a viver com atenção e coragem. Ele nos ensina que cada desafio enfrentado é uma oportunidade de florescer, que cada lembrança e cada história de quem nos antecedeu é uma semente de força e sabedoria. Que o perfume de suas flores nos lembre de espalhar bondade; que a cor intensa de suas pétalas nos encoraje a viver plenamente; que a firmeza de seu tronco nos inspire a permanecer fortes diante das tempestades; e que os passarinhos que dançam entre seus galhos nos lembrem de que o amor e as memórias jamais se perdem.

Para as futuras gerações, fica a mensagem: assim como o ipê floresce mesmo depois das secas mais severas, a vida oferece sempre oportunidades de renascimento. Que cada um olhe para suas raízes, nutra suas memórias, reconheça a força de quem veio antes e permita que cada desafio se transforme em aprendizado, cada experiência em legado, e cada gesto de amor em flores que permanecerão vivas para sempre. Porque viver é como o ipê: resistir, florescer, espalhar beleza e deixar um legado. E é nesse legado que futuras gerações encontrarão inspiração, coragem e amor para continuar a jornada da vida, colorindo o mundo com as histórias que receberam e as que ainda vão criar.



A Vida como Estação de Trem

uma metáfora estendida



A vida é uma imensa estação em movimento. Trilhos que se cruzam, apitos que ecoam, malas que se abrem e se fecham. Somos viajantes de passagem, espectadores e protagonistas de uma jornada que nunca cessa.

Há pessoas que apenas acenam pela janela: rostos efêmeros, encontros breves, como estrelas que brilham por um instante e depois desaparecem na curva da noite. Outras decidem sentar-se ao nosso lado e partilhar quilômetros de conversas, silêncios e cumplicidades.

E existem aquelas que gostaríamos que permanecessem para sempre — mas o bilhete delas tinha outro destino, outra estação. Não adianta correr atrás do trem que partiu: a vida nos ensina que algumas despedidas não são escolhas, mas pontes para novos caminhos.

Cada passageiro traz consigo uma bagagem invisível: lembranças, sonhos, dores, afetos. Ao cruzarem o nosso caminho, deixam sempre algo — uma lição, uma saudade, um olhar novo sobre o mundo. Somos feitos desses fragmentos de viagens alheias, costurados ao longo dos trilhos do tempo.

Aprender a deixar ir também é viver. Nem todos estão no mesmo trem que nós, e isso não diminui o valor dos encontros. Pelo contrário: é a certeza da impermanência que torna cada abraço mais intenso, cada palavra mais necessária, cada momento mais sagrado.

Rainer Maria Rilke escreveu: “A vida é uma despedida constante do que somos para aquilo que ainda podemos ser.” Talvez seja essa a essência: aceitar que os trilhos seguem, que novas paisagens surgem, que cada partida abre espaço para outro recomeço.

No fim, não importa quantos ficaram até a última estação. O que realmente nos acompanha são as marcas gravadas em nossa alma — os gestos de amor, a força das mãos que nos ergueram, os olhos que nos ensinaram a enxergar além.

A vida é feita de encontros e despedidas. Mas é nesse fluxo — nesse vai e vem de trens, de bagagens, de destinos — que descobrimos a beleza de existir.



Histórias ... dos Gonzagas

DANÇA DA PAZ: O JEITO DE JOÃO GONZAGA UNIR OS IRMÃOS

João Gonzaga tinha um jeito peculiar de ensinar sobre amor e reconciliação.

Quando as crianças brigavam, ele não punia nem obrigava a conversar; preferia um caminho diferente. Fazia os irmãos dançarem — ao som de qualquer coisa que estivesse passando no rádio. Mesmo que relutassem, fosse uma canção, uma narração de jogo de futebol ou até o horário político, que naquela época se chamava Voz do Brasil.

No início, parecia apenas uma brincadeira desajeitada.

Os filhos, ainda bravos, não gostavam, afinal, haviam brigado. Mas, aos poucos, entre passos errados e olhares cúmplices, aprendiam a deixar de lado as diferenças, a olhar nos olhos uns dos outros e a reencontrar a paz.

Esse gesto simples carregava uma mensagem profunda: o perdão e o amor entre irmãos são cultivados com presença, atenção e alegria compartilhada. João, com sua sabedoria silenciosa, lembrava os ensinamentos da Bíblia: “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos” (Romanos 12:18).

Na fazenda, cada passo, cada giro, cada dança era uma sementinha de harmonia plantada no coração da família. E assim, entre música ou silêncio, entre risos e movimentos improvisados, João ensinava que a paz é conquistada juntos, com gestos de amor e a coragem de se abrir ao outro.

História contada por Terezinha, Lúcia, Paulo e Benta (versão unificada)



Histórias ... dos Gonzagas

FÉ EM MOVIMENTO: A HISTÓRIA DE JOÃO E SUA DEVOÇÃO A APARECIDA



Desde os anos 1970, a viagem a Aparecida do Norte tornou-se um rito sagrado para a família. Era mais do que um passeio; era um retorno ao coração da fé. Cada ida à casa da “Mãezinha” Nossa Senhora Aparecida era celebrada com alegria contagiante. João se transformava: conversava com todos como se estivesse na fazenda de casa, recebendo cada pessoa como amigo. Com os irmãos, assistia à missa, às vezes descansava no hotel, às vezes fazia bate-volta, chegando de manhã e voltando à noite.

O que tornava essas visitas ainda mais especiais era a participação na construção da nova Basílica. João, generoso e dedicado, arrecadava doações — sacos de arroz, feijão ou dinheiro — e ajudava pessoalmente, unindo fé e ação. Sua devoção era prática e concreta, visível em cada gesto.

Durante as missas e momentos de oração, ele recitava de cor a oração de consagração a Nossa Senhora Aparecida, transmitida de geração em geração:

"Ó Maria Santíssima, pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, em vossa querida imagem de Aparecida, espalhai inúmeros benefícios sobre todo o Brasil. Eu, embora indigno de pertencer ao número de vossos filhos e filhas, mas cheio do desejo de participar dos benefícios de vossa misericórdia, prostrado a vossos pés, consagro-vos o meu entendimento, para que sempre pense no amor que mereceis; consagro-vos a minha língua, para que sempre vos louve e propague a vossa devoção; consagro-vos o meu coração, para que, depois de Deus, vos ame sobre todas as coisas. Recebei-me, ó Rainha incomparável, acolhei-me debaixo de vossa proteção; socorrei-me em todas as minhas necessidades, espirituais e temporais, sobretudo na hora de minha morte. Abençoai-me, ó celestial cooperadora, e com vossa poderosa intercessão, fortalecei-me em minha fraqueza, a fim de que, servindo-vos fielmente nesta vida, possa louvar-vos, amar-vos e dar-vos graças no céu, por toda eternidade."

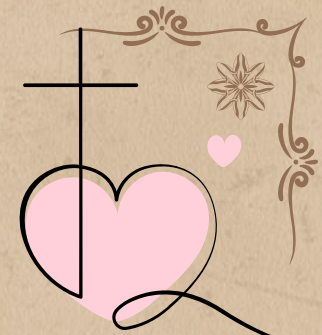
Essa oração não era apenas recitada; era vivida. Cada palavra carregava a história de uma vida dedicada à fé, à família e à comunidade. E assim, em cada viagem, em cada gesto de generosidade, João ensinava aos filhos e netos a beleza da entrega, da devoção e da união, deixando memórias eternas que ecoariam como bênçãos em toda a família.

Contada por Lúcia Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

JOÃO GONZAGA, O BENZEDOR DA FAZENDA

ENTRE A FÉ E A CURA: A
HISTÓRIA DE UM HOMEM DE
MÃOS MILAGROSAS



Em um recanto distante da fazenda, onde o vento sussurrava segredos e a terra guardava histórias, João Gonzaga era mais do que um simples homem; ele era um elo entre o divino e o humano. Com um semblante sereno e mãos calejadas pelo tempo, possuía uma pequena farmácia caseira, repleta de remédios pontuais, chás e garrafadas que preparava com capricho. Sua experiência no exército lhe conferiu instrução básica, mas foi sua fé inabalável e o conhecimento das ervas que o tornaram uma referência para todos ao redor.

Quando alguém adoecia, fosse uma simples dor de cabeça ou uma enfermidade mais grave, a primeira procura era por João Gonzaga. Ele não apenas oferecia remédios, mas também palavras de conforto e bênçãos que afastavam as energias negativas. Com um ramo de erva-de-santa-maria em mãos, ele fazia o sinal da cruz sobre o enfermo, recitando preces que ecoavam séculos de tradição.

As palavras que proferia eram simples, mas carregadas de fé:

“Em nome de Deus e da Virgem Maria, afasta-te, mal que aqui estás.

Com este ramo, em nome do Pai, Filho e Espírito Santo, que a cura venha.”

Essas e outras orações bem fortes que ele sussurrava como forma de fé enchiam de esperança o coração de quem o procurava.

Após a bênção, o ramo era queimado ou lançado ao vento, simbolizando a expulsão do mal. A confiança da comunidade em João Gonzaga era tamanha que, mesmo sem formação acadêmica, ele era considerado um verdadeiro curador. Naquele tempo, era comum procurar os chamados benzedores – pessoas respeitadas que, por meio da fé, da oração e do uso de ervas, ajudavam a aliviar dores e trazer conforto espiritual. Para nós, hoje, pode parecer distante, mas naquela época era uma prática valorizada e reconhecida pela comunidade.

Além dessas bênçãos, João Gonzaga preparava chás com ervas como boldo, carqueja e hortelã, que aliviavam dores e traziam bem-estar. Sua casa era um refúgio de cura, onde a ciência popular e a espiritualidade se encontravam em harmonia.

Hoje, as histórias de João Gonzaga continuam a ser contadas, lembrando-nos da importância da fé, da tradição e da comunidade na busca pela cura e pelo bem-estar.

Contada por Lúcia Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

O CAMINHO DO CAVALO: FÉ, CORAGEM E HISTÓRIAS AO ANOITECER



Nas noites frias de inverno, quando o céu escurecia mais cedo e o vento trazia o cheiro da terra molhada, Lucinha e Cidinha enfrentavam o caminho de volta para a fazenda. Após um dia de estudos em Vila Dirce, elas caminhavam a pé pela estrada de terra, envoltas pela escuridão e pelo silêncio da noite. O medo da solidão e dos sons da natureza preenchia o ar, mas uma presença constante as acompanhava: a fé inabalável de João Gonzaga.

Em algumas dessas noites, ele ia ao encontro das filhas. Montado em seu cavalo, com a capa batendo ao vento e o semblante sereno, ele as colocava sobre o animal e as conduzia de volta para casa. Enquanto cavalgavam, João Gonzaga compartilhava histórias da Bíblia, narrando passagens de coragem, fé e esperança. Ele sempre dizia: "Deus está conosco, não há o que temer", lembrando aos filhos palavras sagradas, como:

- Isaías 41:10 - "Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça."
- Josué 1:9 - "Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não temas, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo por onde quer que andares."
- Salmos 23:4 - "Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam."

O caminho era longo e desafiador, mas a presença de João Gonzaga transformava a jornada em um momento de aprendizado e união familiar. As histórias bíblicas que ele contava não eram apenas relatos antigos, mas lições de vida que ecoavam no coração das filhas, ensinando-lhes sobre coragem, fé e a importância de confiar em Deus.

Em uma dessas histórias, João Gonzaga falou sobre a viúva de Sarepta, uma mulher simples que, em tempos de escassez, compartilhou o pouco que tinha com o profeta Elias. Ela disse:

"Vive o Senhor teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela, e um pouco de azeite numa botija; e eis que apanhei dois cavacos, e vou prepará-lo para mim e para o meu filho, para que o comamos, e morramos" (1 Reis 17:12).

Mas, ao dividir o pouco que possuía, ela testemunhou um milagre: a farinha da panela e o azeite da botija não se acabaram até que a chuva voltasse à terra (1 Reis 17:14).

Essa história, entre outras, moldou a visão de mundo de Lucinha e Cidinha, ensinando-lhes que a generosidade, mesmo nos momentos de dificuldade, é recompensada por Deus. E assim, nas noites escuras e silenciosas, o cavalo de João Gonzaga não apenas transportava suas filhas para casa, mas também as guiava pelo caminho da fé, coragem e amor incondicional.

Contada por Lúcia Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

BAILE DE ALELUIA: SABEDORIA, TRADIÇÃO E UNIÃO FAMILIAR

Na fazenda, a Quaresma era um período de silêncio e reflexão, onde a música era quase proibida, e a vida seguia em um ritmo mais introspectivo. Mas, com a chegada do Sábado de Aleluia, tudo mudava. Era o momento de celebrar a ressurreição de Cristo e a renovação da fé, e João Gonzaga sabia como transformar essa data em um evento memorável para todos.

Com a chegada do sábado, ele contratava uma sanfoneira e organizava um animado baile de aleluia. O galpão que servia para guardar a colheita era transformado em um salão de festas improvisado, mas acolhedor. As paredes de barro e madeira ganhavam vida com as risadas, os passos de dança e a música que ecoava pela noite. O cheiro da terra misturava-se ao aroma do café fresco e das comidas preparadas com carinho pelas mulheres da fazenda.

João Gonzaga, com seu olhar atento e perspicaz, designava "guardiões" para a festa — geralmente os mais encrenqueiros ou aqueles com tendência a causar confusão. Mas ele sabia exatamente como lidar com cada um. Atribuía-lhes responsabilidades específicas, como garantir que todos estivessem se comportando ou ajudar na organização das danças e do evento. Essa estratégia não só mantinha a ordem, mas também fazia com que cada pessoa se sentisse importante e parte da celebração.

Ele possuía uma habilidade única de perceber o potencial de cada indivíduo e colocá-lo em uma posição onde pudesse brilhar. Essa sabedoria natural fazia com que a festa fosse sempre harmoniosa e alegre, refletindo a paz que ele tanto prezava em sua vida.

O baile começava por volta das 19h e terminava antes da meia-noite, respeitando o descanso necessário para o trabalho do dia seguinte. Mas, durante aquelas horas, a fazenda se transformava em um centro de alegria, união e celebração da vida.

Além de ser um excelente anfitrião, João Gonzaga também tinha um talento especial para aproximar corações solitários. Ele observava atentamente os casais que surgiam durante a festa, muitas vezes formando pares que, com o tempo, se tornavam casamentos duradouros. Sua capacidade de perceber as afinidades entre as pessoas e incentivá-las a se conhecer melhor era uma das muitas facetas de sua sabedoria.

Esses bailes de aleluia não eram apenas festas; eram momentos de renovação espiritual, de fortalecimento dos laços familiares e comunitários, e de celebração da vida. João Gonzaga sabia que, ao reunir todos em harmonia, estava não só respeitando uma tradição, mas também criando memórias que perdurariam por gerações.

Contada por Lúcia Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

FESTAS JUNINAS NA FAZENDA DE JOÃO GONZAGA: FÉ, TRADIÇÃO E ALEGRIA

No mês de junho, a fazenda de João Gonzaga se transformava em um verdadeiro ponto de encontro de fé, alegria e tradição. As celebrações dos santos juninos — Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e São Pedro (29 de junho) — eram aguardadas com entusiasmo por familiares, vizinhos e amigos de toda a região.

🙏 O Terço e o Mastro dos Santos

As festividades começavam com a oração do terço, reunindo todos em torno de João Gonzaga. Velas acesas lançavam uma luz suave, e o ambiente se enchia de um ar de devoção e introspecção. Ao final, um mastro com as imagens dos três santos era erguido. Antes de fincá-lo no chão, cada pessoa passava por baixo, beijava o mastro e fazia um pedido, um gesto de fé e entrega que simbolizava devoção e esperança.

🔥 A Fogueira e os Sabores da Tradição

A fogueira, coração da festa, era acesa no centro da fazenda. O fogo alto assava batatas e aquecia o ambiente, deixando o rosto levemente queimado pelo calor, mas aquecido pela alegria. O aroma da terra misturava-se ao cheiro da madeira queimando, da pipoca estourando e das comidas preparadas com carinho: cachorro-quente, quentão e diversas guloseimas trazidas pelos convidados. No final, João Gonzaga distribuía marmitinhas com pequenas porções de tudo, simbolizando o poder da multiplicação: mesmo com um bolo ou pouca comida, todos saíam satisfeitos e com suas porções para levar para casa.

🎵 Baile e União Comunitária

Em algumas dessas festas, o espírito de celebração se prolongava com música e dança. João Gonzaga contratava uma sanfoneira, e os galpões da fazenda — que serviam para guardar a colheita — eram transformados em salões improvisados. Ele atribuía tarefas a alguns convidados, especialmente aos mais encrenqueiros, designando-os como “guardiões” da festa. Assim, mantinha a ordem de maneira sábia e gentil, fazendo com que todos participassem e se sentissem importantes.

Durante esses momentos de alegria, João também observava possíveis afinidades entre jovens, ajudando a formar pares e futuros casamentos, sempre com sua habilidade apaziguadora e sensível para perceber o potencial de cada pessoa.

📖 Fé e Valores que Perdura

Entre música, dança e comidas, João Gonzaga lembrava das lições bíblicas, reforçando a fé e o amor ao próximo. Ele compartilhava histórias de generosidade e coragem, ensinando que a partilha e a devoção transformam não apenas momentos, mas vidas inteiras.

Contada por Lúcia Gonzaga

Família Gonzaga desde 1860 a 2025



As festas juninas na fazenda de João Gonzaga não eram apenas eventos sociais, mas celebrações de fé, comunidade e tradição, momentos em que todos aprendiam que a alegria é maior quando compartilhada, e que a presença de Deus está em cada gesto, oração e abraço.



Histórias ... dos Gonzagas

HISTÓRIA DO TRABALHO DO VÔ NA TERRA DOS OUTROS AO SONHO DE CONQUISTAR A SUA PRÓPRIA

João Gonzaga sempre foi um homem da terra, alguém que carregava no coração o cheiro da terra molhada, o som dos galos anunciando o amanhecer e a sensação da luz do sol sobre o rosto. Quando trabalhava nas fazendas alheias, plantava com dedicação e colhia com sabedoria. Batata-doce, banana, abacaxi... tudo o que cultivava brotava farto. E ele não guardava nada só para si: dividia a colheita, espalhando fartura e alegria entre os que o rodeavam. Com anos de experiência, sabia exatamente o momento certo de semear, cuidar e colher, como se a própria terra falasse com ele.

Mas havia um sonho maior no coração de João Gonzaga: ter sua própria terra. Na sua chácara, cada canteiro, cada árvore e cada galinha, porco ou cavalo carregava o gosto da liberdade conquistada. Ali, ele podia plantar milho, abacaxi, banana, batata-doce, alface e café, e sentir a felicidade pura de ver a vida crescer sob suas mãos. Cada gesto de cuidado era uma celebração da natureza e da vida que florescia ao seu redor.

E João Gonzaga não apenas colhia para si; ele plantava e partilhava, levando a mesma generosidade e abundância que tinha cultivado em terras alheias para a sua própria terra. Ele costumava dizer:

"Só não planta e colhe quem nasceu em cima da pedra."

Era sua forma de ensinar que, com terra, fé e trabalho, qualquer semente pode florescer; mas na pedra, nada brota.

Além de homem da terra, João Gonzaga era homem de fé. Seu coração guardava um sonho antigo: construir uma igrejinha. E assim, na sua chácara, ele realizou essa obra com devoção, erguendo não apenas paredes e altar, mas um espaço de paz, oração e encontro com Deus.

Na simplicidade de seu trabalho e na grandeza de seus sonhos, João Gonzaga nos mostra que a vida se constrói com paciência, fé e generosidade — e que a verdadeira felicidade nasce da terra que cuidamos, daquilo que partilhamos e da fé que carregamos no coração.

Contada por Lúcia Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

DO BRAÇAL AO ADMINISTRADOR: A CONQUISTA DE JOÃO GONZAGA

Naquele tempo, o Estado pouco se importava em alfabetizar crianças. Foi por isso que o vô Pontes, movido pelo desejo de dar algum futuro à família, contratou um professor para dar aulas à noite. Mas havia uma regra injusta: somente os meninos podiam aprender, pois se dizia que mulher “não precisava de estudo”.

Só que a Brasilina, teimosa e corajosa, recusou-se a aceitar esse destino. Com uma lamparina tremeluzindo nas mãos, riscava letras no papel como quem desafia o impossível. E conseguiu – arrancou do silêncio algumas palavras, conquistando o direito de aprender, mesmo contra a maré.

Já o vô João teve apenas 14 dias de aula com aquele professor. Parecia pouco, mas a semente ficou plantada. Mais tarde, no Exército, quando integrou a equipe de engenharia, encontrou nos cálculos uma nova linguagem. Ali descobriu seu dom: tinha uma mente afiada, capaz de enxergar medidas e números como se fossem parte do seu próprio sangue.

Entre 1953 e 1955, trabalhando como simples braçal na fazenda Jales, o destino lhe preparou a grande prova. Certa manhã, diante de mais de vinte trabalhadores, o patrão, Euphly Jales, lançou a pergunta:

– Quem aqui é alfabetizado?

Houve silêncio. Até que, tímido, João levantou a mão.

– Você sabe mesmo escrever? – insistiu o patrão.

Com humildade e firmeza, respondeu:

– Escrever, pouco. Mas fazer conta... isso eu sei.

Foi o suficiente. Euphly entregou-lhe uma tarefa gigantesca: dividir toda a fazenda em glebas de mil metros. João pediu apenas dois ajudantes. Dias depois, apresentou um mapa perfeito, traçado com precisão milimétrica.

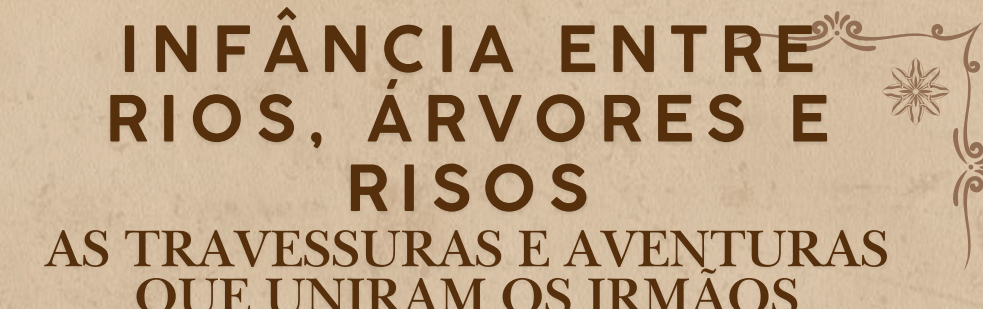
O patrão não acreditava no que via. Impressionado, promoveu-o ali mesmo: o braçal virava administrador.

Naquele instante, não era apenas um cargo que mudava, mas um destino inteiro. João Gonzaga, que nascera sem escola, conquistava o respeito pela força da mente e do caráter. Tornava-se homem de confiança – não só na fazenda, mas em toda a vida.

Contada por Luiz Gonzaga



Histórias ... dos Gonzagas



INFÂNCIA ENTRE RIOS, ÁRVORES E RISOS

AS TRAVESSURAS E AVENTURAS
QUE UNIRAM OS IRMÃOS
GONZAGA PARA SEMPRE

Lúcia sempre teve o coração ligado à natureza. Amava subir em árvores, sentir o vento no rosto e ouvir o canto dos pássaros ao seu redor. Certa vez, enquanto brincava, ia subindo de galho em galho quando se apoiou em um galho seco. O irmão Luiz, que estava em um ponto mais alto da árvore, percebeu que ela estava prestes a cair e, num impulso inocente, pulou para segurá-la. Ambos acabaram caindo juntos no chão. Graças a Deus, nada de grave aconteceu – apenas mais uma travessura de infância, cheia de risos e emoção.

Lucia e Paulo eram inseparáveis. Sempre andavam juntos, inventando brincadeiras pelas redondezas da fazenda. Havia uma velha porteira que se tornava palco de suas aventuras: um subia nela enquanto o outro a empurrava, transformando a simples estrutura em um brinquedo divertido e improvisado. Quando João Gonzaga os via aprontando, ficava bravo – e então as crianças corriam, rindo e tentando escapar da bronca.

O mesmo acontecia com a carroça. Sentavam-se nela, um subia no pau da carroça e descia como se fosse uma gangorra, rindo e gritando, enchendo o ar da fazenda com alegria. Cada brincadeira era uma pequena aventura, um aprendizado de equilíbrio, coragem e cumplicidade entre irmãos.

Na última fazenda em que viveram, havia um córrego de águas cristalinas e frias. Em suas partes rasas, as crianças se aventuravam escondidas, longe dos olhos atentos de Brasilina e de João Gonzaga. Ali, com cerca de 12 anos, descobriam a liberdade e a diversão simples e pura que só a infância pode oferecer – mergulhando, correndo e rindo, criando memórias que ficariam para sempre gravadas no coração da família.

Contada por Lúcia Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

O OVNI NA FAZENDA BELA VISTA UMA NOITE DE MISTÉRIO E FASCÍNIO QUE NINGUÉM JAMAIS ESQUECEU

Hoje, todos ainda lembram desta história, e Brasilina a conta como se fosse ontem. Moravam na Fazenda Bela Vista, e naquela noite calma e silenciosa, era costume, por volta das 20h30, todos se recolherem para dentro de casa. O cheiro da terra molhada se misturava ao frescor do vento da noite, e os grilos cantavam em um ritmo constante, embalando a escuridão.

Mas naquele dia, algo extraordinário aconteceu. No céu sobre a fazenda surgiu uma bola branca brilhante, flutuando lentamente sobre a casa, o canavial e a escolinha próxima. Do tamanho de uma lua a olho nu, ela se movia com graça quase hipnótica. Não havia barulho algum — apenas o silêncio absoluto da noite, interrompido pelo sutil farfalhar das folhas e pelo coração acelerado de quem observava.

Brasilina, João Gonzaga, Cidinha, Paulo, Pedro e Lucia ficaram paralisados, com os olhos fixos na luz que parecia dançar sobre a fazenda. O brilho intenso refletia nos galhos das árvores, criando sombras que pareciam ganhar vida, e o ar parecia carregado de mistério e expectativa.

Em questão de segundos, a curiosidade deu lugar ao medo e à prudência: todos correram para dentro de casa, tentando se proteger e entender o que haviam acabado de presenciar. O OVNI desapareceu tão misteriosamente quanto surgiu, deixando para trás apenas a sensação de assombro e fascínio, e a certeza de que aquela noite jamais seria esquecida.

Mesmo hoje, a história da luz que flutuava silenciosa sobre a Fazenda Bela Vista é contada com olhos brilhando de emoção, lembrando a todos que há mistérios no mundo que desafiam explicações — e que permanecem vivos na memória de quem os testemunhou.

Contada por Lúcia Gonzaga

Família Gonzaga desde 1860 a 2025



Histórias ... dos Gonzagas

AS TRAVESSURAS DO GUARANÁ E DO VINHO ENTRE A INOCÊNCIA DA INFÂNCIA E MEMÓRIAS QUE GUARDA

João Gonzaga tinha o costume de trazer uma garrafa de guaraná quando fazia as compras, ele dividia entre nós cinco: Pedro, Paulo, Cidinha, Lúcia e Luiz. Ele dava um copo para cada um, e na época aquilo era uma delícia! O gás, o sabor da fruta... nós, crianças, saboreávamos lentamente, segurando o líquido na boca para sentir cada borbulha e cada gostinho de maçãzinha. Era simplesmente maravilhoso.

Outra história engraçada envolvia o primo Mário Borges, que adorava se exhibir. Quando vinha à cidade, ele sempre chupava um sorvete — e não era qualquer sorvete: falava com orgulho que tinha comprado creme holandês, flocos, e se mostrava todo feliz, fazendo a gente ficar morrendo de vontade.

E ainda tinha a prima que morava conosco, a quem chamávamos de Pernambuquinha, porque era filha de Pernambuco — apelido carinhoso, “Buquinha”. Um dia, Luiz (com 8 anos) e Buquinha (11 anos) em visita a casa do italiano e caseiro, Sr Osvaldo, apelidado por bacurau. Os dois gulosos e com vontade enorme de beber guaraná. Foram tentado a ter todo o engradado de guaraná... mas com uma condição: antes, eles precisavam beber um garrafão de vinho “Sangue de Boi”. Imagina só a cena: duas crianças, curiosas e inocentes, encarando um vinho enorme! Luiz e Buquinha beberam tudo, mas logo começaram a passar mal. Sabendo que algo não estava certo, correram para o matagal e se esconderam na lavoura de milho. Depois, foram para o pé de manga, onde vomitaram tudo o que tinham almoçado. Buquinha acabou sendo encontrada na estrada, e Luiz em cima do pé da manga, com aquela experiência nada agradável de “vinho infantil”. Tudo isso aconteceu por causa de uma vontade enorme de tomar guaraná, mas acabou se tornando uma das histórias mais engraçadas e inesquecíveis da nossa infância.



“Buquinha”

Contada por Luiz Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

AS AVENTURAS E TRAVESSURAS DOS GÊMEOS PEDRO E PAULO NA FAZENDA

Uma das maiores surpresas da nossa infância foi receber de presente de Deus dois irmãos gêmeos: Pedro e Paulo. Eu, sendo mais velho, tinha a missão de vê-los crescer... e, acredite, não era nada fácil! Quem cuidava deles eram Luiz, Lúcia e Cidinha, mas a responsabilidade real parecia sempre cair sobre nós, os “mais velhos”. Naquela época, os filhos mais velhos cuidavam dos mais novos.

A fazenda era bastante perigosa! Tinha cavalos, bois, cercados e currais, um ambiente arriscado para duas crianças arteiras como Pedro e Paulo. Para dar um pouco de sossego à Brasilina, foi construído até um chiqueiro só para eles – um para cada um. Às vezes eles ficavam lá, às vezes não. Eram rápidos e espertos demais!

Um dia, depois de uma das travessuras, a Brasilina deu uma bronca em Pedro. E o que ele fez? Se escondeu! A confusão foi geral: todo mundo procurando pelo menino, desesperado, enquanto Paulo, com apenas 4 anos, ficava sem entender nada. Até que João Gonzaga apareceu, e a busca se intensificou. Procuramos por toda a fazenda: quintal, plantações, cantos e mais cantos... e nada de Pedro.

Foi então que lembramos da caixa d'água. Quando abrimos, lá estava Pedro... dormindo atrás da porta, completamente alheio ao caos que tinha causado. João Gonzaga, já perdendo a paciência, colocou-o atrás da porta e chamou várias vezes, mas Pedro não respondia. Nervoso, João exclamou: “Vou te colocar lá dentro de novo, e aí você vai responder!” Ainda assim, nada. No fim, João teve que pegar o pequeno travesso, colocá-lo no lugar certo e continuar chamando até que finalmente ele respondesse. Naquela época, todos estávamos desesperados, imaginando os piores cenários – afinal, a fazenda era cheia de perigos e a imaginação corria solta. Mas, no final, a história virou apenas mais uma das muitas aventuras hilárias dos gêmeos Pedro e Paulo.

Contada por Luiz Gonzaga



Histórias ... dos Gonzagas

A CICATRIZ QUE FICOU PARA SEMPRE BRINCADEIRA, UM SUSTO NA FAZENDA E UMA MARCA ETERNA

Luiz e a Bentinha tinham o costume de passear na casa da vovó Clementina, e era sempre um passeio maravilhoso. Tudo a pé, dia de chuva, a terra molhada e nós descíamos dunas e morros com uma mistura de diversão e travessura. Naquela época, Luiz tinha 8 anos e a Bentinha, 11. Já estávamos ficando em Jales, e a Bentinha vinha passear toda semana.

Os irmãos mais velhos, quando terminavam a escolinha, iam morar com a vovó na cidade para fazer o ginásio, e nós ficávamos ansiosos pelos encontros semanais com ela.

Mas naquele dia, a brincadeira saiu um pouco do controle. A Bentinha brigou comigo e eu, sem pensar, dei um empurrão nela. Ela começou a correr atrás de mim, e eu corri na frente, rindo e provocando. Mas, entre risadas e lágrimas, eu não percebi a cerca de arame à frente. Luiz vinha logo atrás, e quando olhei, dei de cara com a cerca: três fios de arame, prontos para me machucar. Um pegou na testa, outro na costela e o terceiro na virilha.

O fio de arame rasgou e quebrou, e Luiz caiu de costas. Quando a Bentinha e Luiz viram aquele sangue todo, ficaram assustados. Luiz, aterrorizado, começou a correr com medo de apanhar, e todos saíram atrás dele, tentando entender o que tinha acontecido e se ele estava bem. A confusão foi enorme, principalmente com a Brasilina e a Bentinha preocupadas com ele.

No fim, apesar do susto, Luiz ficou bem... mas a marca da cerca na fazenda ficou para sempre: uma cicatriz que ele carrega até hoje, lembrança de uma aventura que começou com uma brincadeira e terminou em correria, risadas e um pouco de medo.



Contada por Luiz Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

O JEITO QUE JOÃO GONZAGA ENCONTRAVA PARA OS FILHOS NÃO FICAREM DE MAL QUANDO AS BRIGAS TERMINAVAM EM DANÇA COM OUTRO IRMÃO

A Dança do Rádio

Como eram muitos filhos, a Brasilina não dava conta de cuidar de todos. A parte mais complicada ficava com o João Gonzaga – e ele gostava disso. Quando as crianças brigavam, ele nos colocava para dançar juntos.

O mais curioso é que não era música: era o rádio. O que estivesse passando, servia para dançar. Às vezes era música, às vezes era a Voz do Brasil com notícias, outras vezes até uma transmissão de futebol. Não importava: o que saía do rádio era o nosso ritmo.

Tudo era organizado conforme as idades. Eu dancei muito com a Terezinha. E, no meio da dança, a gente aprontava: beliscava uma à outra por baixo da barriga, o que acabava gerando novas briguinhas. Mas não podíamos mostrar nem falar nada, senão ficava pior.

Naquela época, a gente não entendia direito. Hoje vejo que havia dois motivos: era para a gente não brigar mais, mas também para não ficarmos de mal um do outro. Esse era o jeito que o vô João tinha de lidar com a situação.



Contada por Maria Benta Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

JOÃO GONZAGA LIDERANÇA PACÍFICA QUE MARCOU SUA COMUNIDADE.



João Gonzaga era um homem de liderança serena e respeitada. Nas fazendas onde trabalhou, lidava diariamente com diversas famílias arrendatárias. Cada uma delas alugava uma parte da terra para plantar e colher. O acordo era simples: 70% da produção ficava para a família e 30% era destinado ao pagamento do aluguel da terra, que pertencia ao dono da fazenda. E era João Gonzaga quem organizava tudo isso, cuidando para que houvesse justiça e harmonia.

Cada família que chegava trazia consigo uma história. João Gonzaga tinha sempre um olhar atento: observava se havia crianças, como viviam, e buscava compreender suas necessidades. Na fazenda, havia vacas leiteiras. O leite retirado diariamente não era vendido; Brasilina, sua esposa, fervia para não estragar — afinal, não havia geladeira — e transformava em queijos, requeijão e outros alimentos para consumo da casa. Mas havia algo além: quando João Gonzaga percebia famílias com crianças, avisava que podiam buscar leite gratuitamente. Esse gesto simples, de partilha, fazia diferença na vida de muitos.

Em determinadas épocas, quando se abatia uma vaca, a carne também era distribuída entre as famílias. A quantidade variava de acordo com o tamanho de cada núcleo, e nada era cobrado em dinheiro: muitas vezes, a retribuição vinha em forma de cereais colhidos. João Gonzaga organizava toda essa distribuição de maneira pacífica, sem conflitos, sempre garantindo que ninguém ficasse sem.

Além de lidar com o trabalho e a partilha, João Gonzaga também era procurado quando surgiam problemas de saúde. Na parede de casa havia um pequeno armário que servia de farmacinha: antitérmicos, analgésicos, vermífugos e o essencial para as necessidades mais urgentes. Quando os remédios não bastavam, ele recorria à sua fé e às tradições: fazia benzimentos com ramos de ervas, especialmente a erva-de-santa-maria, tocando suavemente as partes doloridas do corpo da pessoa enquanto orava. Chamava-se benzimento ou benzeção — um ato de doação, nunca cobrado.

Mas seu papel ia ainda além dos cuidados com a saúde. João Gonzaga aconselhava casais, orientava na criação dos filhos, ajudava a resolver desavenças entre vizinhos. Era, ao mesmo tempo, líder, mediador e pacificador. Sua presença transmitia confiança e serenidade, deixando um legado de humanidade, partilha e sabedoria para todos que tiveram a sorte de conviver com ele.

Contada por Lúcia Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

VÓ OSÓRIA, JÁ IDOSA, CUIDADA COM AMOR ENTRE CUIDADOS, RISADAS E SEGREDOS DE PÃO



A história da Vó Osória, cuidada com amor

Na Fazenda Jales, o tempo parecia correr mais devagar. Foi ali que Terezinha, Benta e eu vivemos uma fase de grande aprendizado ao lado da Vó Maria Osória e do Vô Lázaro. Também o Jorge estava por perto, ainda que já começasse a trilhar seus caminhos de estudo, morando numa casinha a poucos passos da fazenda – apenas um quarteirão dali, quase dentro da cidade, onde o asfalto já tomava lugar da terra batida.

Os dias de limpeza eram verdadeiros rituais. Terezinha e Benta cuidavam da casa com afinco: lavavam os quartos, a cozinha e a sala, até que tudo ficasse claro, limpo, quase cintilante. O chão vermelho dos quartos e da sala brilhava sob o pano molhado, enquanto a cozinha, mais simples, ganhava ar de aconchego. Havia orgulho naquele esforço – era como se cada gesto de limpeza fosse também um gesto de cuidado com a vida.

Mas o maior desafio vinha sempre na hora do banho da Vó Osória. Ela resistia, teimava, aceitava apenas uma vez por semana, e ainda assim a contragosto. Entre resmungos e risadas contidas, as meninas insistiam, porque sabiam que era necessário.

A Vó Osória tinha seu jeito peculiar: dizia não ter apetite, recusava a comida, mas guardava uma paixão escondida pelos pães. Quando a tia Aparecida – filha do Vô Lázaro, irmão do Vô João – assava pão, ela não resistia. Comia escondida, como se fosse segredo, e depois se deitava, repetindo para todos que estava sem fome. As meninas viam, sabiam, e guardavam o riso cúmplice dessa mania tão dela.

Com o passar dos anos, os filhos foram deixando a fazenda em busca de estudo. O Jorge saiu primeiro, depois as meninas. O Vô João Gonzaga, firme em sua convicção de que todos deveriam aprender, ajudava cada um a seguir o caminho da cidade. Em 1973, ele mesmo construiu uma pequena casa de dois cômodos em Jales, para que a família pudesse ter onde ficar. Já trabalhava na Boa Vista e levou consigo a Vó Maria Osória.

O Vô Lázaro já havia partido, vítima de um infarto. E, na Fazenda Bela Vista, ficaram ainda alguns filhos menores: Pedro, Paulo, Cidinha, Lúcia e Marcos, sob o cuidado dos mais velhos.

A Vó Osória, com toda sua teimosia e doçura escondida, viveu até 1982. Ninguém soube ao certo de que se foi – talvez apenas pelo peso do tempo, pela velhice. Quatro anos depois, em 1986, a família toda já estava de vez na cidade de Jales.

E assim, a vida na fazenda ficou guardada na memória: as tardes de limpeza, o pão escondido, as gargalhadas discretas e o esforço dos que acreditavam que o estudo e o trabalho eram o caminho para transformar o futuro.

Contada por Terezinha Gonzaga

Histórias ... dos Gonzagas

O Trem que Veio e Partiu - O Gonzaga foi e os Gonzagas que ficaram... (Versão Tia Lucia)

Maria Osória de Jesus e Luiz Ferreira Gonzaga eram casados e já tinham três filhos: João Ferreira Gonzaga, Maria das Dores Rodrigues e José Ferreira Gonzaga. Certo dia, Luiz adoeceu gravemente, acometido pela malária, e ficou um ano se tratando, sem que se saiba exatamente pelo que ele passou durante esse período.

Naquele tempo, a vida nas cidades do interior era entrelaçada pelas famílias e pela confiança mútua. Luiz, com o coração apertado, partiu acreditando que sua família estaria bem amparada. Ele confiava plenamente nos parentes de Maria Osória, certos de que cuidariam dela e dos três filhos enquanto ele se recuperava.

Durante sua ausência, Osória do Nascimento, mãe de Maria Osória, percebeu as dificuldades da filha em cuidar sozinha das crianças pequenas. Pensando no bem-estar da família, decidiu arranjar um novo casamento para a filha, acreditando que seria a melhor forma de garantir sustento e proteção para todos. Luiz acreditava que poderia se sentir seguro, pois confiava que essa família cuidaria de sua esposa e filhos durante sua doença.

Quando Luiz descobriu que Maria Osória havia se casado novamente antes de seu retorno, ficou furioso e se sentiu traído. Pela cultura da época, pela dificuldade de comunicação e com o orgulho ferido, decidiu não voltar para a família nem para os filhos. Assim, perdeu a oportunidade de ficar com os três filhos, e especialmente com João Gonzaga, de estar presente como pai de sangue.

Maria Osória de Jesus, em Novo Horizonte, no interior de São Paulo, uniu-se a outro homem — decisão que, para a família, parecia ser o melhor caminho naquele momento de necessidade. Luiz, já recuperado, voltou de Muzambinho, no Sul de Minas, desceu na estação cheio de esperança, mas ao ver a nova realidade, não quis criar confronto. Ele não sabia lidar com a decepção de sua esposa não ter esperado por ele, nem com os sentimentos de abandono e traição, e teve de deixar para trás os filhos pequenos, confiando na família de Osória para cuidar deles.

Ele seguiu seu caminho, como um trem que chega, toca a estação e parte sem alarde. No silêncio de sua decisão, Luiz Ferreira Gonzaga carregava a dor da ausência, a decepção com quem amava, o orgulho ferido e a impossibilidade de confrontar a situação, deixando seus filhos e o amor da sua vida sob cuidados de terceiros.

O TREM QUE VEIO E PARTIU O GONZAGA FOI E OS GONZAGAS QUE FICARAM... VERSÕES...

O Trem que Veio e Partiu - O Gonzaga foi e os Gonzagas que ficaram... (versão Terezinha)

Maria Osória de Jesus e Luiz Ferreira Gonzaga eram casados e já tinham três filhos: João Ferreira Gonzaga, Maria das Dores Rodrigues e José Ferreira Gonzaga.

Um dia, Luiz recebeu a notícia de que sua família em Minas Gerais estava muito doente, sofrendo com a febre amarela. Como filho mais velho, sentiu que tinha a obrigação de voltar para cuidar dos pais, que precisavam de sua presença e apoio naquele momento difícil. Naquele tempo, a vida era simples e demorada. Tudo parecia andar em outro ritmo, mais devagar, mas também mais próximo: todos se conheciam, dividiam histórias, dores e alegrias.

Quando Luiz retornou a Araçatuba, próximo de Novo Horizonte, desceu na estação e logo encontrou conhecidos. Ansioso por notícias de sua família, descobriu algo inesperado: Osória havia se casado novamente.

Um ano havia se passado desde a partida de Luiz. Nesse intervalo, Osória, sozinha com três filhos pequenos, buscou uma saída. Lázaro, um homem de Minas que estava de passagem, acabou se unindo a ela, com incentivo da própria mãe. Afinal, naquela época, dizia-se que uma mulher não podia ficar sozinha.

Ao receber a notícia, Luiz foi tomado por um turbilhão de sentimentos.

Surpresa, tristeza, revolta? Ninguém sabe ao certo. O fato é que decidiu não procurar a família. Não quis rever os filhos — ou talvez não tivesse forças para enfrentar aquela cena. Que pensamentos o dominaram? Que doença era essa que o impediu de voltar, ou ao menos mandar notícias?

Tomado pela mágoa, entrou novamente no trem, deixando para trás os que o esperavam sem saber.

E ficam as perguntas que atravessam o tempo:

Por que não foi até eles?

Por que ficou tanto tempo distante?

O que carregava no coração que o fez escolher o silêncio? Talvez tenha sido uma decisão impossível, um nó entre orgulho, dor e impotência. Mas, ainda assim, um gesto de coragem teria mudado tudo.



O Trem que Veio e Partiu - O Gonzaga foi e os Gonzagas que ficaram... (versão Fernanda)

Maria Osória de Jesus e Luiz Ferreira Gonzaga eram casados e já tinham três filhos: João Ferreira Gonzaga, Maria das Dores Rodrigues e José Ferreira Gonzaga. Certo dia, Luiz recebeu a notícia de que sua família estava gravemente doente, acometida pela febre amarela. Sem hesitar, decidiu voltar a Minas Gerais para ajudar e estar ao lado dos pais, daqueles que precisavam de sua presença na doença.

Na época, a vida parecia ainda mais ligada às pessoas ao redor: todo mundo se conhecia, compartilhava histórias, dores e alegrias. Quando Luiz Ferreira Gonzaga voltou a Araçatuba, desceu na estação e encontrou conhecidos de longa data. Entre conversas e notícias, soube que Osória havia se casado novamente. Já fazia um ano que ele estava longe de casa, e a notícia trouxe uma mistura de surpresa e saudade.

Lázaro, um homem de Minas Gerais que estava de passagem pela cidade, havia se unido à filha de Osória. Era uma união arranjada por Osória, atenta à filha que já estava sozinha há um ano e tinha três filhos pequenos. Diante da situação delicada, Luiz decidiu não ir até a casa da família. Com o coração apertado, voltou de onde veio, desaparecendo daquelas memórias, como um trem que chega, toca a estação e parte.

Mesmo assim, algo permanece entre as linhas dessa história: a coragem silenciosa de Luiz e seu respeito pela nova vida de Osória, que o fizeram tomar decisões difíceis, mas marcadas pela dignidade e pelo cuidado. Às vezes, o amor se revela de formas silenciosas, e a lembrança de quem age assim permanece para sempre no coração — como o trem que partiu: o Gonzaga foi, e os Gonzagas que ficaram.

Histórias ... dos Gonzagas

O TREM QUE VEIO E PARTIU – O GONZAGA FOI E OS GONZAGAS QUE FICARAM...VERSÕES...



O Trem que Veio e Partiu – O Gonzaga foi e os Gonzagas que ficaram... (versão Benta)

Maria Osória de Jesus e Luiz Ferreira Gonzaga eram casados e já tinham três filhos: João Ferreira Gonzaga, Maria das Dores Rodrigues e José Ferreira Gonzaga.

Diferente das outras versões, nesta a história toma outro rumo: dizia-se que Maria Osória não era Mulher uma fácil. De gênio forte, encenqueira, tinha convivência difícil dentro de casa.

Luiz Ferreira Gonzaga, homem metódico e orgulhoso, foi se cansando desse dia a dia turbulento até não aguentar mais.

Certo dia, sem briga anunciada, sem despedida elaborada, decidiu ir embora. Pegou o trem e partiu. Não havia doença, nem missão de cuidar dos pais, apenas o desejo de se libertar de uma relação.

Mas Osória do Nascimento, mãe de Maria, não aceitava que a filha fosse vista como mulher abandonada. Então espalhou outra versão: dizia que o genro tinha ficado doente em Minas e que lá havia morrido, como quem se sacrifica longe da família. Assim, ninguém ousava comentar que Luiz simplesmente havia largado Maria.

O trem, nesta versão, nunca trouxe Luiz Gonzaga de volta. Ele não retornou à estação, não buscou os filhos, não deixou carta ou notícia. Apenas desapareceu nos trilhos do tempo, levando consigo o silêncio. E talvez até que ele formou outra família por lá.

E é essa a memória da Benta: Luiz não voltou porque não quis voltar. Osório, mãe de Maria Osório sustentou a versão de doença e morte como forma de explicação para quem perguntasse.

O Trem que Veio e Partiu – O Gonzaga que Foi e os Gonzagas que Ficaram , (Versão Original - Contada pelo Luizinho, por Luiz Carlos Gonzaga)

Tio Luizinho contava essa história com todos os detalhes, como quem revive cada cena. Ele dizia que era muito amigo de Luiz Ferreira Gonzaga. A vó Maria Osória Nascimento ficou viúva — foi quando ela e a família decidiram se mudar. Vieram juntos com o tio Alexo e com o pessoal do Joaquim e se instalaram perto da ponte. A família Gonzaga — irmãos do vô — também veio para cá, vinda do sul de Minas, do grande sertão.

O vô Luiz Ferreira Gonzaga queria voltar para Minas; sentia falta da terra e dos parentes. Mas a força da família Osório do Nascimento era tão grande que não deixou a filha Maria Osória ir embora. Eles se estabeleceram aqui, junto com mais de dez irmãos, criando uma unidade familiar perto de Araçatuba — um novo começo, em Nova Aliança — e foi ali que João Gonzaga nasceu.

Luiz Ferreira Gonzaga mostrou-se um homem muito metódico, mas também extremamente ciumento. Era tão ciumento que, quando saía para trabalhar, trancava as crianças dentro de casa com Maria Osória para que ela não sáísse. Segundo o relato de Tio Luizinho, a própria Maria Osória contou que ele chegava a espalhar farinha pelos arredores da casa para garantir que ela não sáísse enquanto ele estava fora. Esse ciúme gerava grande desconforto no lar.

Naquela época, Luiz Ferreira já tinha um filho grande, Zezinho, e uma filha mais nova — Maria das Dores. Zezinho morreu aos 16 anos; havia cerca de quatro anos de diferença entre ele e Maria das Dores. João Ferreira Gonzaga ainda era pequeno.

Decidido a ir para Minas, acreditando que seus irmãos estavam bem, Luiz Ferreira partiu com a promessa de voltar em alguns meses. Mas não retornou no tempo combinado. Naquele período de comunicações precárias e viagens perigosas, ninguém teve notícias dele — muitos imaginaram que havia morrido. Não veio carta, nem notícia alguma.

Enquanto isso, o vô Lázaro, que trabalhava com eles na fazenda, aproximou-se de Maria Osória. Passado quase um ano da partida de Luiz Ferreira, Maria Osória casou-se com Lázaro, e tiveram uma filha em 1935.

Então alguém da comunidade avisou a Luizinho que havia um parente querendo notícias da família, que estavam na estação de trem. Quando se encontraram, Luizinho reconheceu Luiz Ferreira Gonzaga. Houve abraço, emoção e muitas perguntas. Luiz contou que, ao chegar a Minas, havia pegado malária e quase morrido, sobrevivendo apenas graças aos cuidados dos parentes. Sua ausência já somava três anos.

Tio Luizinho explicou que Maria Osória havia se casado novamente. Luiz Ferreira perguntou pelos filhos e se queria vê-los. Mas, lembrando do ciúme que sempre carregara e sabendo que Lázaro agora era o marido dela, respondeu com firmeza: não queria voltar, porque se o fizesse poderia cometer um crime — “ou mato um ou outro” — e preferiu partir de novo. Não quis rever os filhos. E assim, segundo o relato de Tio Luizinho, Luiz Ferreira partiu rumo às casas dos parentes em Minas, deixando para trás uma história marcada por amor, ciúme e caminhos separados.

Histórias ... dos Gonzagas

**EU NÃO SEI...
SÓ SEI QUE FOI ASSIM...**



**O TREM QUE VEIO E PARTIU -
O GONZAGA FOI E OS GONZAGAS QUE
FICARAM... VERSÃO INSPIRADA EM ARIANO
SUASSUNA**

Pois muito bem, minha gente, essa é daquelas histórias de família que ninguém sabe direito onde começa a verdade e onde termina a invenção. Cada um conta de um jeito, e todos juram que estão certos.

Uns dizem que Luiz Ferreira Gonzaga adoeceu de malária, ficou entre a vida e a morte em Minas e, quando voltou, encontrou a mulher casada de novo. Não aguentou, subiu no trem e sumiu de vez.

Outros afirmam que não foi malária, foi febre amarela. E que ele só tinha ido porque era filho mais velho e precisava cuidar dos pais. Quando voltou, um ano depois, Maria Osória já estava de aliança nova. Luiz, tomado de mágoa, preferiu nem ver os filhos e foi embora sem deixar rastros.

Há ainda quem pinte a história com um “olhar cor-de-rosa”: Luiz, ao descobrir a nova vida da esposa, não quis fazer escândalo. Saiu em silêncio, levando o coração apertado, mas também a dignidade de respeitar a decisão dela.

Outra versão, contada por Luizinho – parente mais próximo de Luiz Ferreira –, diz que ele era ciumento até a alma: trancava a mulher dentro de casa e espalhava farinha ao redor para vigiar os passos dela. Quando soube do novo casamento, teria dito:

– Se eu voltar, mato um ou outro.

E preferiu partir de vez, sem encarar os filhos.

E ainda tem quem diga que Maria Osória não era flor que se cheire: encenqueira, difícil de lidar. Luiz teria cansado da vida de casado e, em vez de doença, o que teve foi desgosto. Largou tudo e foi embora por vontade própria. Só que Osória do Nascimento, a mãe dela, espalhava outra versão: dizia ao povo que o genro tinha ficado doente em Minas e morrido por lá. Assim, ninguém ia dizer que a filha tinha sido largada. O trem, nessa versão, nunca trouxe Luiz de volta: ele simplesmente foi embora e nunca mais se soube dele.

E é por isso que, até hoje, cada vez que a família se junta, a história muda de cor conforme a boca que conta. Uns juram que foi doença, outros que foi orgulho, outros que foi respeito, outros que foi ciúme, e outros ainda que foi invenção da vó Maria.

No fim das contas, o certo é que Luiz Ferreira Gonzaga entrou num trem... e nunca mais voltou.

Não sei... só sei que foi assim!

Moral da História

É assim que as histórias se constroem: não apenas pelos fatos, mas pelo olhar de quem as conta.

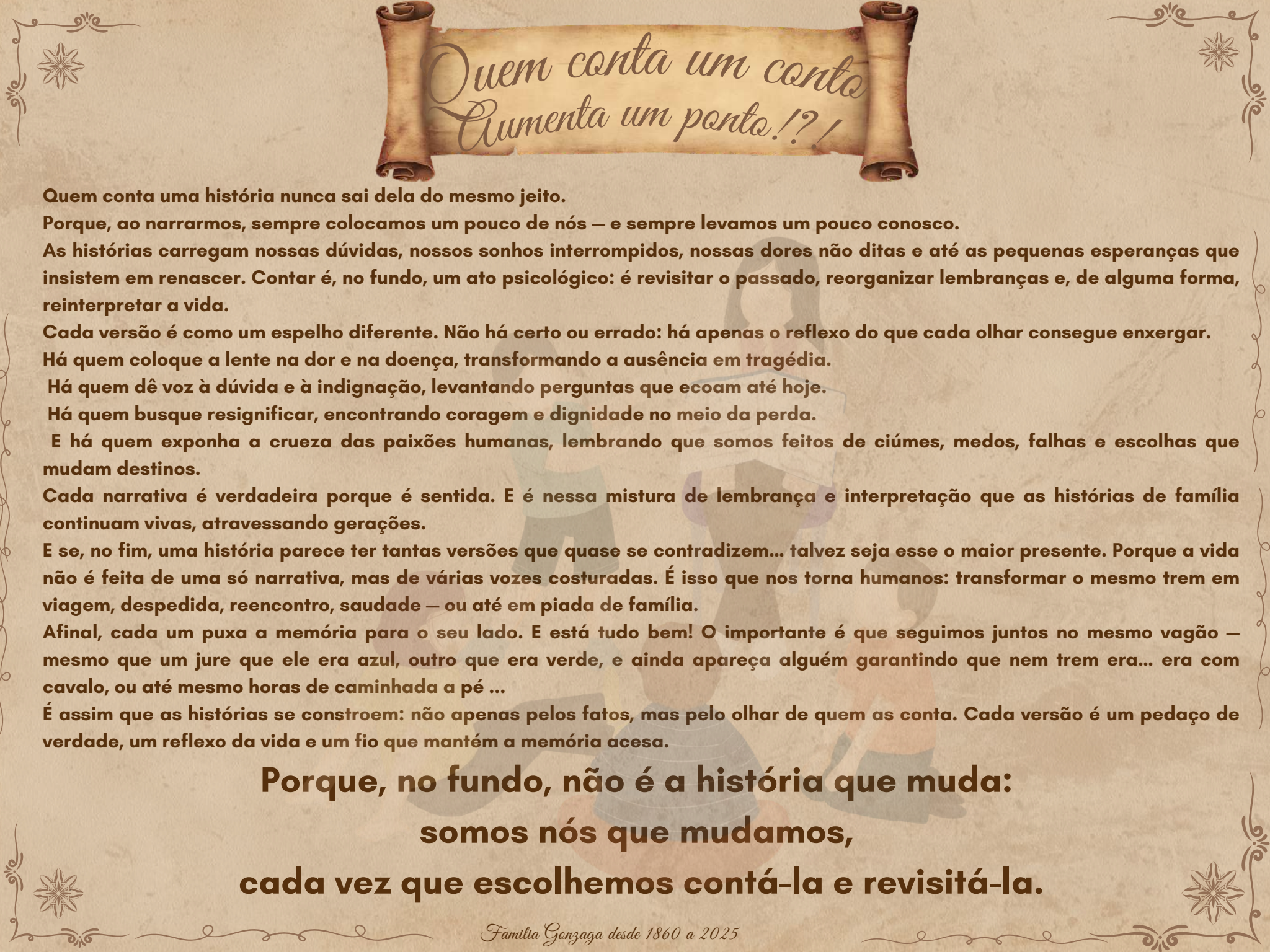
Cada versão é um pedaço de verdade, um reflexo da vida e um fio que mantém a memória acesa.

Porque, no fundo, não é a história que muda: somos nós que mudamos, cada vez que escolhemos contá-la.

Quando contamos uma história, colocamos um pouco de nós nela – e sempre levamos um pouco dela para dentro de nós.

Versão estilo de Ariano Suassuna - escritor, filósofo, dramaturgo

Família Gonzaga desde 1860 a 2025



Quem conta um conto Aumenta um ponto!?!/

Quem conta uma história nunca sai dela do mesmo jeito.

Porque, ao narrarmos, sempre colocamos um pouco de nós — e sempre levamos um pouco conosco.

As histórias carregam nossas dúvidas, nossos sonhos interrompidos, nossas dores não ditas e até as pequenas esperanças que insistem em renascer. Contar é, no fundo, um ato psicológico: é revisitar o passado, reorganizar lembranças e, de alguma forma, reinterpretar a vida.

Cada versão é como um espelho diferente. Não há certo ou errado: há apenas o reflexo do que cada olhar consegue enxergar.

Há quem coloque a lente na dor e na doença, transformando a ausência em tragédia.

Há quem dê voz à dúvida e à indignação, levantando perguntas que ecoam até hoje.

Há quem busque resignificar, encontrando coragem e dignidade no meio da perda.

E há quem exponha a crueza das paixões humanas, lembrando que somos feitos de ciúmes, medos, falhas e escolhas que mudam destinos.

Cada narrativa é verdadeira porque é sentida. E é nessa mistura de lembrança e interpretação que as histórias de família continuam vivas, atravessando gerações.

E se, no fim, uma história parece ter tantas versões que quase se contradizem... talvez seja esse o maior presente. Porque a vida não é feita de uma só narrativa, mas de várias vozes costuradas. É isso que nos torna humanos: transformar o mesmo trem em viagem, despedida, reencontro, saudade — ou até em piada de família.

Afinal, cada um puxa a memória para o seu lado. E está tudo bem! O importante é que seguimos juntos no mesmo vagão — mesmo que um jure que ele era azul, outro que era verde, e ainda apareça alguém garantindo que nem trem era... era com cavalo, ou até mesmo horas de caminhada a pé ...

É assim que as histórias se constroem: não apenas pelos fatos, mas pelo olhar de quem as conta. Cada versão é um pedaço de verdade, um reflexo da vida e um fio que mantém a memória acesa.

**Porque, no fundo, não é a história que muda:
somos nós que mudamos,
cada vez que escolhemos contá-la e revisitá-la.**



Mensagem Inspiracional da Família Gonzaga

Nossa história continua viva — e você é parte fundamental dela..

A família Gonzaga nasceu da simplicidade da terra, mas carrega no coração a grandeza de quem sabe transformar pequenos instantes em memórias eternas. Sempre fomos assim: celebrando cada encontro, fazendo da mesa cheia um templo de alegria e dos dias comuns momentos que se tornam inesquecíveis. Somos generosos e acolhedores, sempre prontos a apoiar e a oferecer um sorriso. Às vezes carregamos mágoas, mas logo aprendemos que o perdão é a ponte que mantém nossos laços fortes e leves.

Porque ser Gonzaga é escolher a vida com otimismo, é transformar desafios em aprendizado, é regar a esperança com fé e coragem.

Cada um de nós carrega dentro de si uma chama herdada daqueles que vieram antes — uma chama que ilumina nossos passos e aquece o coração dos que caminham ao nosso lado. Nossos avós, bisavós e ancestrais ainda vivem em cada gesto de carinho, em cada gargalhada que ecoa nas reuniões, em cada história contada e recontada ao redor de um café quentinho.

E nós, que hoje continuamos essa jornada, somos ramos de uma mesma árvore frondosa: raízes profundas que nos firmam no passado, tronco forte que nos sustenta no presente e galhos que se abrem para o futuro. Que nossa alegria siga atravessando gerações, como uma herança que não se guarda em cofres, mas se transmite em abraços, em memórias e em amor.

Porque ser Gonzaga é isso: viver com o coração aberto, espalhar luz por onde passamos e deixar ao mundo o legado mais precioso de todos — a felicidade de estar junto.

Família Gonzaga Mensagem final

Mensagem final à Família Gonzaga

(para ser lida na última página, diante das fotos de todos)

Se você chegou até aqui, é porque esta história também é sua.

Cada rosto, cada sorriso e cada memória que enchem estas páginas compõem um mesmo coração: o coração Gonzaga. Somos uma árvore frondosa: raízes profundas que nos lembram de onde viemos; tronco forte que nos sustenta hoje; galhos que se abrem para o amanhã. Herdamos a fé, a coragem e, sobretudo, a alegria de estar juntos — café quentinho, gente reunida e história pra contar.

A partir deste momento, fica feito um convite — simples e grandioso — para todos nós, presentes e futuros:

- Guardar a luz dos que vieram antes e acendê-la em novas gerações.
- Celebrar os encontros, pequenos ou grandes, como quem transforma minutos em lembranças.
- Cuidar uns dos outros, com gentileza, respeito e harmonia.
- Contar e recontar nossos causos, porque quando a história é boa, ela volta melhor.
- Multiplicar sorrisos, como quem reparte pão: quanto mais se divide, mais cresce.

Esta não é apenas a conclusão de um livro; é o começo de muitos capítulos.

Que cada nova foto acrescentada a este álbum seja um lembrete do nosso propósito alegre: viver com o coração aberto, honrar nossas raízes e levar adiante o melhor de nós.

E quando alguém perguntar, daqui a muitos anos, “De onde vêm os Gonzaga?”, que a resposta siga clara e luminosa:

Vêm de onde tem alegria.

Vêm de uma mesa que sempre cabe mais um.

Vêm de uma roda de conversa que vira canto.

Vêm de um abraço que diz: “Aqui é casa.”

Com amor, orgulho e esperança,
seguimos — juntos — escrevendo o futuro Gonzaga.



Familia Gonzaga



Fotos *Gonzagas*

*Da raiz ao fruto, cada geração é uma nova
aventura da Família Gonzaga.”*

*“Nossa maior aventura é a vida que compartilhamos
— e o melhor da nossa história ainda está por acontecer.”*











Família Gonzaga desde 1860 a 2025





13 de out de 2017 • Jales, SP



















Familia Gonzaga desde 1860 a 2025



Família Gonzaga desde 1860 a 2025







Relato

Pessoal,

Quero compartilhar com vocês como surgiu e como foi a experiência de atualizar a nossa árvore genealógica, e fazer o scrapbook (álbum de fotos e histórias) e o vídeo.

Tudo começou com a ideia de preparar um presente muito especial para a Brasilina, mostrando o quanto ela representa a força e a união da família Gonzaga. A primeira versão da árvore havia sido feita em 2017, quando meus filhos ainda eram pequenos, e já tinha um caráter pedagógico: apresentar para eles suas raízes, dentro de uma atividade escolar.

Em agosto de 2025, conversando com a Clarinha no chá de bebê da Gaby, surgiu o desejo de atualizar a árvore — um pedido que já era recorrente — e, junto, criar um álbum com fotos e histórias. Afinal, em uma família tão grande, alguns acabam se afastando no corre-corre da vida, entre sonhos e projetos. Foi nesse momento que relembramos a infância com os primos: Gaby, Carlinha, Renatinho, Rafa, Carina, Fabiola, Flávio, João Vitor; do meu lado, e do lado da Clarinha: Clara, Ciro, Gabriel, Luquinha, Vini, João Neto e Davi. Risadas, brincadeiras e lembranças que permanecem vivas e que, apesar das distâncias e da vida adulta, ainda nos conectam.

Apesar de a Clarinha não ter sido muito próxima na minha infância, sempre que nos encontramos a conversa flui com entusiasmo. Foi desse reencontro que nasceu a ideia de organizar tudo de forma concreta. No dia 21/08/2025, criamos um grupo de organização com a Clarinha, Terezinha, tia Lucinha e Joãozinho. A partir daí, começamos a coletar fotos, histórias e dados de cada ramo da família. Cada um trouxe os contatos que tinha mais próximos; alguns ajudaram com rapidez, outros no tempo possível — mas todos os Gonzagas contribuíram com suas histórias e informações.

Tínhamos apenas 30 dias para concluir o projeto. Terminamos no dia 28! Planejamos etapas, prazos e objetivos claros. Todos os dias havia dados sendo atualizados, ajustes e finalizações para deixar o presente pronto para a vizinha. Foram muitas ligações, áudios, risadas, reflexões e até momentos intensos. Foi uma corrida contra o tempo, mas cada esforço valeu a pena: mais do que pressa, havia propósito. O objetivo era ressignificar nossa história, registrar quem são os Gonzagas e atualizar a árvore genealógica.

O resultado vai além de nomes e datas. Cada página, cada foto e cada memória registrada é um abraço na história da nossa família — e, acima de tudo, um presente para a vizinha.

Durante o projeto, aprendemos lições valiosas:

- Enxergar o todo sem perder os detalhes.
- Trabalhar com senso de urgência, respeitando ritmos.
- Saber ouvir, ter paciência e empatia.
- Valorizar a contribuição única de cada um.
- Reconhecer a união familiar como patrimônio.
- Entender que organização e disciplina tornam tudo possível.
- Dar significado ao que fazemos: deixar um legado.

Este presente mostrou que família não é apenas sangue, mas convivência, partilha de experiências, compreensão mútua, acolhimento sem julgamentos e o reconhecimento de que cada um é único, com seu jeitinho — e está tudo bem assim.

Meu agradecimento a todos os Gonzagas que participaram ou apoiaram de alguma forma — uns mais ativos, outros mais ágeis, seja em ligações, áudios, entrevistas ou presença. Tudo isso foi realizado em apenas 28 dias, e estou muito orgulhosa de todos. Conseguir captar informações de uma família tão extensa só foi possível pela graça de Deus, é claro, e pela dedicação coletiva.

Especialmente agradeço ao grupo organizador: Terezinha, tia Lucinha (com suas histórias que até pareceram uma sessão de psicoterapia! rs), Clarinha e Joãozinho, que trouxeram planejamento, ideias, reflexões e debates construtivos. Foi intenso, foi rico — e agora é um legado para toda a família Gonzaga, hoje e para as próximas gerações.

Que este projeto seja mais do que um presente: que seja um marco para a continuidade da nossa história, fortalecendo laços, inspirando as próximas gerações dos Gonzaga e nos lembrando de que a maior herança é o amor que nos une. Entregamos este legado à nossa vizinha e a Deus, com gratidão por cada vida, cada memória e pela graça de estarmos aqui.

Muito obrigada!!!!

Fernanda Gonzaga de Oliveira dos Santos



Family Tree



Familia Gonzaga